

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 12.10.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 057 / €1,50 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

PENSÃO DE 1,6 MILHÕES DE REFORMADOS SOBE MENOS DE 6€

OE2023 Pensionistas que ganham 650 euros vão ter apenas mais 5,58 euros por mês, revelam contas do DN/DV.
CONSUMO Vinho escapa à subida de 4% do imposto sobre o álcool, cerveja não. Tabaco e refrigerantes penalizados.

FMI ARRASA CENÁRIO DO GOVERNO CRESCIMENTO SERÁ METADE E INFLAÇÃO BEM MAIS ALTA DO QUE PREVÊ MEDINA, APONTA INSTITUIÇÃO, QUE VÊ DESEMPREGO A SUBIR E MAIS GASTOS COM PRESTAÇÕES SOCIAIS A CONGELAR O DÉFICE NOS 1,4%.

PÁGS. 4-7

Ciberdefesa

Formação está atrasada e a ministra não explica porquê

PÁG. 8

Ribeiro Santos

O "homem pequeno, mas corajoso" cuja morte precipitou o fim do Estado Novo

PÁG. 9

Nayola

Animação portuguesa está a maravilhar o London Film Festival

PÁG. 26

Estreia literária

A Mensagem de Pessoa já tem versão arménia

PÁG. 27



BENFICA TRAZ EMPATE DE PARIS
BASTA GANHAR À JUVENTUS PARA CHEGAR AOS OITAVOS DA CHAMPIONS

PÁG. 24

Exportações

Crescimento a dois dígitos põe vinho a caminho de recorde

PÁG. 18

Stella Ghervas

"Sanções económicas são arma de guerra. Trazer paz é diferente", diz historiadora

PÁGS. 20-21

Pobreza Energética

40% dos lisboetas têm frio em casa e a maioria só veste mais roupa

PÁG. 16

1925-2022

A última cena de Angela Lansbury

PÁG. 28

13 DE OUTUBRO SOMBRIO "CATÓLICOS NÃO PODEM ESCONDER ABUSOS", DIZ COMISSÃO. MARCELO QUIS "VALORIZAR DENUNCIANTES" PÁGS. 12-13 E ÚLTIMA



ENCOSTA DAS PERDIZES
D.O.C. ALENTEJO SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.





EDITORIAL

Rosália Amorim

Diretora do Diário de Notícias

O que o FMI e a oposição têm em comum?

O Fundo Monetário Internacional está menos otimista do que o governo. O FMI melhorou, ontem, ligeiramente as perspectivas de crescimento da economia portuguesa para o presente este ano, para 6,2%, em vez dos 5,8% estimados em junho e mais próximo da previsão de 6,5% do governo português, mas cortou as estimativas para o próximo ano, dos 1,9% previstos em junho para 0,7%, revelando-se mais preocupado com o impacto da conjuntura internacional em terras lusas do que o governo – que aponta um crescimento de 1,3%. Na atualização das previsões económicas mundiais, o FMI vai mais ao encontro da oposição, que considera “otimista” o quadro macroeconómico apresentado pelo Executivo no âmbito do Orçamento do Estado para 2023.

E no que respeita à inflação? A instituição de Bretton Woods antevê uma taxa para o país de 7,9% neste ano (muito perto dos 7,8% do Banco de Portugal) e de 4,7% para o próximo, o que compara com os 7,4% e 4% previstos pelo executivo português. Também neste indicador o FMI se mantém mais pessimista do que António Costa (primeiro-ministro) ou Fernando Medina (ministro das Finanças). O FMI projeta ainda que o saldo da balança corrente de Portugal seja de -1,1% do PIB este ano e de -0,4% do PIB em 2023. E quanto ao desemprego? As projeções estimam uma taxa de 6,1% este ano e de 6,5% no seguinte, em vez de 5,6% previstos no próximo Orçamento do Estado. O que, na visão de Washington, levará a que o défice se fique pelos 1,4% no próximo ano, longe dos 0,9% previstos por Medina.

Não são boas estimativas. Deixam-nos ainda mais preocupados acerca do impacto da guerra durante 2023, ano em que, apesar da política de rendimentos desenhada entre o governo e os parceiros sociais, não vai ser possível repor o poder de compra dos portugueses. Com a agravante de que muitas famílias (as que mantiveram os empregos) já terem usado algumas das poupanças acumuladas durante a pandemia, quando não saíam de casa nem consumiam. Em suma, não há como dizer de outra maneira: vai ser preciso apertar o cinto no próximo ano. Com o que sabemos hoje, será uma inevitabilidade.

O ministro das Finanças garantiu que tem folga no orçamento para usar perante cenários adversos, e ainda bem, porque está mais atual do que nunca a frase do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, quando disse que o que vem aí é mau. Por muito que tentemos procurar um lado positivo em cada crise, com uma conjuntura internacional tão imprevisível torna-se muito mais difícil vislumbrar a luz ao fundo do túnel. Mas não devemos desistir de a procurar.

FOTO DE 1946



Amália Rodrigues, *Diva* do fado português, acompanhada pela irmã (e também fadista) Celeste Rodrigues, à chegada do Brasil, onde atuara nesse início de 1946. Em conversa com a repórter do Diário de Notícias, Amália confessava que “correu tudo o melhor possível” e riu-se quando lhe foi perguntado “se traz muito dinheiro”, escrevia então o jornal.

OPINIÃO HOJE

Sebastião Bugalho

Ganhou-se um ministro (e um Orçamento?)

PÁG. 07

Ribeiro e Castro

Os russos

PÁG. 10

Jorge Costa Oliveira

A sabotagem dos Nord Stream e a clivagem no Ocidente

PÁG. 10

Maria da Graça Carvalho

A defesa da liberdade não tem fronteiras

PÁG. 11

Pedro Tadeu

Medina sabe o que está a fazer?

PÁG. 11

Francisco George

Humanismo

PÁG. 13

Duarte Lynce de Faria

Segurança marítima, o desafio da descarbonização e da responsabilidade civil

PÁG. 14

Lurdes Gramaxo

Investidores em *Early Stage* – a mão invisível do ecossistema de empreendedorismo

PÁG. 19

Ana Jacinto

Certezas em tempos de incertezas

PÁG. 19

Ana Paula Laborinho

Um brilhinho nos olhos

PÁG. 28

NOVA RUBRICA

Countdown to WebSummit 2022 é uma nova rubrica no Diário de Notícias, que antevê algumas das tendências que vão marcar o próximo encontro mundial das startups no final de outubro, em Lisboa. Até à semana do evento, estarão em análise as oportunidades e os desafios dos investidores, os exemplos inspiradores e as novidades que vão marcar a agenda dos empreendedores nacionais e mundiais. O palco passa por aqui, com a reflexão de especialistas numa nova série de artigos de opinião. O artigo hoje publicado tem a assinatura de Lurdes Gramaxo, *Partner* da Bynd Venture Capital e presidente da Investors Portugal



Global Media

12.10.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Laíão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs
Editores executivos Carlos Ferro, Helena Teceideiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Cáu Neves e Fernanda Cândia **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Fias, Filipe Gil, João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avo, David Pereira, Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espacia **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Inês Cardoso (diretora) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Fias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dno@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa, Tel.: 213 167 500, Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto, Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ªA – 3000-226 Coimbra, Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de setembro 2022: 6594 exps.

VISAPRESS®
Direitos de Autor Protegidos

apct



LOURES | NO CENTRO
CÂMARA MUNICIPAL

MOSTRA DE INOVAÇÃO,
EMPREGO E INVESTIMENTO

LOURES INVESTE EM SI

Valorizar Pessoas e Organizações

**VENHA VISITAR-NOS
A ENTRADA É GRATUITA**

14-15 OUT 2022

Pavilhão Paz e Amizade, Loures

#louresinvesteemsi

www.cm-loures.pt



Parceria:

Diário de Notícias



PENSÕES

Reforma de 650 euros só recebe mais 6 euros

ATUALIZAÇÃO Universo atinge mais de metade dos 2,7 milhões sujeitos a um aumento entre 4,43% e 3,53%. Governo justifica corte nas subidas face à inflação com a sustentabilidade da Segurança Social, mas a proposta do Orçamento mostra que o sistema previdencial terá um excedente de 3,1 mil milhões em 2023 e uma almofada de 34,3 mil milhões até 2060.

TEXTO SALOMÉ PINTO

Com uma inflação galopante, que o governo estima em 7,4% este ano, embora o Conselho das Finanças Públicas aponte para 7,8%, os pensionistas com prestações de 650 euros brutos vão ter de viver com apenas mais 5,58 euros nos bolsos todos os meses, segundo os cálculos do DN/*Dinheiro Vivo* com base nas simulações da Ernest & Young (E&Y) para 2023. Significa que cerca de 1,6 milhões de reformados, ou seja, mais de metade dos que irão beneficiar de uma atualização entre 4,43% e 3,53% em 2023, terão um acréscimo líquido mensal de 0,8%. Mais 5,58 euros, portanto.

Assimulações da E&Y já têm em conta a atualização das reformas entre 4,43% e 3,53%, a subida dos escalões de IRS em 5,1% e o abate do mínimo de existência que permite maior liquidez no final do mês. Analisando os diferentes patamares de remunerações, é possível concluir que as pensões mais baixas serão as mais penalizadas.

Um pensionista viúvo com uma prestação de 650 euros brutos vai receber, em termos líquidos, apenas mais 78,13 euros por ano ou cerca de seis euros mensais, enquanto um reformado com uma remuneração mensal de 1500 euros terá direito a um aumento líquido anual de 216,52 euros ou 15,46 euros por mês. No primeiro caso, e porque a pensão está abaixo de 957,40 euros (2 vezes o Indexante dos Apoios Sociais que se fixará em 478,7 euros em 2023), a atualização bruta será a mais elevada, de 4,43%, ainda que muito abaixo dos 8% que, pela aplicação normal da fórmula, o pensionista teria direi-

to. Na segunda situação, o aumento será de 4,07% já que a remuneração se situa entre 957,40 euros (dois IAS) e 2872,20 euros (seis IAS). Apesar da atualização ser inferior, em termos líquidos, o aumento é superior face a um pensionista com uma prestação de 650 euros. Prestações acima de 2872,20 euros terão uma atualização de 3,53%.

A partir de um certo patamar de rendimentos, não há lugar ao abate ou dedução pelo efeito do mínimo de existência, pelo que os acréscimos líquidos começam a diminuir à medida que sobe de nível remuneratório. Por exemplo, um casal de pensionistas com uma reforma de 760 euros por sujeito passivo, beneficiará de um aumento anual de 562,62 euros ou 40,40 euros brutos mensais. Já um casal com uma pensão de 1500 euros brutos por titular, verá a prestação líquida subir 433,03 euros no conjunto do

ano de 2023, ou seja, terá mais 30,93 euros no final do mês.

Na proposta do Orçamento do Estado para 2023 (OE2023), o governo considera que este aumento, entre 4,43% e 3,53%, e o bônus de

8%

Governo defende que a atualização das pensões entre 4,43% e 3,53%, em 2023, e o bônus de meia pensão para prestações até 5318,4 euros garantem um aumento equivalente a 8%.

Cerca de 1,6 milhões de reformados terão um acréscimo líquido mensal de 0,8% na sua reforma no próximo ano.



mais pensão, para prestações até 5318,4 euros, garantem que os reformados não perdem poder de compra no próximo ano. "No conjunto destas duas medidas, os pensionistas com menores rendimentos terão um aumento equivalente a 8%, acima da inflação prevista", lê-se no documento.

O certo é que o governo tem sucessivamente invocado o risco da sustentabilidade da Segurança Social para não proceder a atualizações entre 8% e 7,1%, em linha com a inflação, e de acordo com a fórmula existente. Contudo, a proposta de OE2023 mostra que o sistema previdencial conta com um exce-

dente orçamental de 3,1 mil milhões no próximo ano e uma almofada de 34,3 mil milhões do Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social (FEFSS) que permite cobrir défices até 2060, esvaziando o argumentário do governo que aumentos entre 8% e 7,1% colocariam em causa a saúde das contas da Segurança Social.

Em setembro, o governo entregou um documento no qual vaticinava que o FEFSS começaria a emagrecer na década de 2040 até acabar em 2050. Mas o relatório que acompanha a proposta de Orçamento do Estado para 2023 mostra uma realidade muito diferente:

Impacto das mudanças no IRS nos rendimentos das famílias

Nota: Remunerações correspondem a 14 meses do rendimento bruto. Nos cenários para casais com dois titulares assume-se que ambos auferem o mesmo rendimento anual. Foram assumidas deduções dos dependentes (filhos com mais de seis anos) sem considerar deduções à coleta por despesas incorridas. O rendimento líquido resulta do rendimento bruto menos a contribuição de 11% para a Segurança Social e menos o IRS a pagar.

Viúvo | 650 €/mês

	2022 (Sem atualização)	2022 (com suplemento extraordinário)	2023 (com atualização a 4,43%)
Rendimento bruto anual	9100,00 €	9425,00 €	9503,13 €
Dedução específica	-4104,00 €	-4104,00 €	-4104,00 €
Abatimento pelo mínimo de existência	-4996,00 €	-5321,00 €	-5399,13 €
Rendimento coletável	0,00 €	0,00 €	0,00 €
Coleta de IRS	0,00 €	0,00 €	0,00 €
Rendimento líquido anual	9100,00 €	9425,00 €	9503,13 €

Variação do rendimento líquido anual face a 2022

78,13 (5,58€/mês)





não só a almofada não se extingue como deverá chegar a 2060 reforçada com 34,3 mil milhões de euros, mais 7,8 mil milhões do que o previsto para 2023.

Para o reforço do FEFSS, "a partir de 2024, assumiu-se uma rentabilidade anual intrínseca de 4,0% ao longo do tempo", justifica o Executivo na proposta do OE2023. O governo parte do "pressuposto que este fundo será alimentado pelos saldos do sistema previdencial, enquanto existam, e pelas transferências resultantes do Adicional ao Imposto Municipal sobre Imóveis, da parcela do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas e do

7,8 MM

Fundo de Estabilização Financeira da Segurança Social vai chegar a 2060 com mais 7,8 mil milhões de euros, atingindo 34,3 mil milhões, segundo as projeções que constam da proposta do OE2023.

Adicional de Solidariedade sobre o Setor Bancário". "Estima-se que o Fundo não se esgote até ao fim da projeção" 2060, indica o relatório do OE2023 relativo à sustentabilidade da Segurança Social.

Quanto ao sistema previdencial, isto é, a conta corrente que garante o pagamento das diversas prestações sociais, o documento aponta um excedente de 3,1 mil milhões em 2023, que resulta em boa medida dos baixos níveis de desemprego que mantêm "o crescimento das receitas com contribuições e quotas na ordem dos 5,8% quando comparado com a previsão de execução de 2022, de 10,2% face ao Orçamento do Estado de 2022", segundo a proposta do OE2023.

Neste ponto, o relatório vai ao encontro do que foi projetado pelo Ministério do Trabalho, em setembro, revelando uma deterioração do saldo orçamental do sistema previdencial, que cai de 3,1 mil milhões, em 2023, para 471 milhões de euros, em 2030, começando a atingir défices na década seguinte: -2,2 mil milhões, em 2040; -2,7 mil milhões, em 2050; e -1,3 mil milhões em 2060.

"Na projeção, os primeiros saldos negativos do sistema previdencial são esperados no início da década de 2030, podendo atingir valores negativos até 0,9% do PIB em meados da década de 2040", segundo a proposta do OE2023.

salome.pinto@dinheirovivo.pt

Vinho escapa à subida de 4% do imposto sobre álcool

CONSUMO Refrigerantes também terão taxa agravada. Carga fiscal sobre o tabaco aquecido dispara 6%. Aumentos vão pressionar inflação.

TEXTO SALOMÉ PINTO/ILÍDIA PINTO/ JOSÉ VARELA RODRIGUES

Em linha com a inflação projetada para o próximo ano, o governo decidiu agravar em 4% os impostos sobre as bebidas alcoólicas e refrigerantes. Só o vinho escapou ao agravamento fiscal. Quanto ao tabaco, o imposto sobre os cigarros aquecidos vai disparar 6% no próximo ano, passando de 0,182 euros por grama para 0,193 euros. Relativamente ao maço de tabaco normal, ainda não é possível perceber qual o aumento efetivo do imposto, uma vez que a componente específica subiu 10%, de 102,01 euros por mil cigarros para 112,5 euros, mas a componente *ad valorem* caiu de 14% para 12%.

A subida do Imposto sobre o Alcool, Bebidas Alcoólicas e Bebidas Adicionadas de Açúcar (IABA) e do Imposto sobre o Tabaco (IT) irá naturalmente repercutir-se num aumento dos preços para o consumidor final. A este respeito, o consultor Amílcar Nunes, da Ernest & Young, alerta que "o agravamento, por força da fiscalidade do preço final dos bens de consumo sujeitos a IABA e IT, conduzirá a um agravamento da taxa de inflação, à qual acrescerá a chamada 'inflação importada', incorporada naquilo que representa o preço de aquisição de bens e serviços externos ao território nacional, já de si encarecidos ou

inflacionados, sobretudo matérias-primas e bens energéticos", afirmou ao DN/Dinheiro Vivo.

Vários setores, sobretudo na área dos refrigerantes e das bebidas alcoólicas, já contestaram o aumento da carga fiscal. A Associação Portuguesa das Bebidas Refrescantes Não Alcoólicas (PROBEB) assinala que a atualização do IABA "representa a continuidade de um imposto" que a associação "considera injusto e discriminatório", declarou Francisco Furtado Mendonça, diretor-geral da associação, ao DN/DV.

No mesmo sentido, os Cervejeiros de Portugal lamentam a "insensibilidade" do governo para a importância de um setor "baseado na cadeia de valor nacional, que representa 1,5% do PIB e mais de 150 mil empregos diretos e indiretos", sublinhou Francisco Gírio, secretário-geral da associação. "O aumento do IABA, em 4%, significa que as cervejas portuguesas passarão a pagar quase 22 euros por hectolitro de imposto, quando, em Espanha, se manterá em 10 euros por hectolitro", atirou, destacando a "injustiça clara" face a outros setores que não pagam este imposto especial, como é o caso do vinho.

Do lado das bebidas espirituosas, o sentimento também é de descontentamento geral. Para o secretário-geral da Associação Nacional de Empresas de Bebidas Espirituosas (ANEBE), João Vargas, "não é racional o aumento de 4% para a categoria das espirituosas", apontando que, em 2022, o setor teve "um ano de recuperação económica depois da pandemia", impulsionado pela "grande dinâmica" do turismo, o que permitiu entregar ao Estado, em agosto, mais 36,1% em impostos face a igual mês de 2021. Além disso, sublinhou que, nos primeiros seis meses do ano, o setor não teve qualquer aumento de imposto — a subida de 1% só entrou em vigor a 1 de julho —, o que "demonstra que é possível o Estado arrecadar mais sem aumentar o imposto especial de consumo", argumentou.

dinheirovivo@dinheirovivo.pt

● Casado | 2 titulares | 760 € / mês / sujeito passivo

	2022 (Sem atualização)	2022 (com suplemento extraordinário)	2023 (com atualização a 4,43%)
Rendimento bruto anual	21 280,00 €	22 040,00 €	22 222,70 €
Dedução específica	-8208,00 €	-8208,00 €	-8208,00 €
Abatimento pelo mínimo de existência	-6912,00 €	-4632,00 €	-7455,50 €
Rendimento coletável	6160,00 €	9200,00 €	6559,20 €
Coleta de IRS	893,20 €	1334,00 €	951,08 €
Rendimento líquido anual	20 386,80 €	20 706,00 €	21 271,62 €

Variação do rendimento líquido anual face a 2022

565,62 (40,40€/mês)

Associações do setor dos refrigerantes, das cervejas e das bebidas espirituosas consideram injusto e irracional o agravamento fiscal inscrito na proposta do Orçamento do Estado para 2023.

FMI prevê défice maior para Portugal e arrasa com cenário macro de Medina

OUTLOOK Ao contrário do governo português, o Fundo Monetário Internacional prevê agora um agravamento do desemprego, logo, é de supor mais nova despesa com apoios sociais e subsídios, o que dificulta corte previsto no défice, que fica em 1,4% em 2023, diz o FMI.

TEXTO LUÍS REIS RIBEIRO

Mais défice público, a dívida desce, mas menos do que preveem as Finanças, mais inflação, mais desemprego, muito menos crescimento em 2023.

Quem o diz é o Fundo Monetário Internacional (FMI) nas novas previsões para Portugal, ontem divulgadas no âmbito do seu Panorama Económico Mundial (*outlook*). São todas mais desfavoráveis do que espera o ministro Fernando Medina no seu novo cenário macroeconómico que segura a proposta de Orçamento do Estado (OE2023) entregue navéspera.

Para a instituição dirigida por Kristalina Georgieva, a economia portuguesa deve crescer apenas 0,7% no próximo ano (o OE diz 1,3%).

Se o crescimento for mais débil em 2023, como o diz o FMI, isso impactará direta e rapidamente nas contas públicas (tende a fazer subir o défice que o governo quer cortar para apenas 0,9% do PIB em 2023), pressionando em baixa a receita fiscal e contributiva e fazendo subir a despesa pública.

Para a instituição de Washington, nestas condições, o défice público português só deve descer meio ponto percentual, para 1,4% do Produto Interno Bruto (PIB).

Isto porque, diz o FMI, o ambiente global está a degradar-se rapidamente por causa da guerra, da inflação galopante, dos choques no comércio mundial, de uma crise enorme no mercado imobiliário chinês. "O pior ainda está para vir, para muitas pessoas, o ano de 2023 vai parecer uma recessão", declarou Pierre-Olivier Gourinchas, o economista-chefe do Fundo.

Em 2023, Alemanha entra em recessão (contração real anual de 0,3% face a 2022), Itália também (menos

0,2%), Espanha (o maior parceiro económico de Portugal) só cresce 1,2%, França não vai além de 0,7%. A maior economia do mundo, os Estados Unidos, cresce uns modestos 1%.

Apesar da "incerteza elevada" e da "degradação do contexto externo", palavras de Medina na segunda-feira, no OE2023, a marca do défice público aparece a cair de no ano que vem tanto quando se espera este ano. A situação está pior, mas o ritmo da consolidação orçamental mantém-se. A economia trava, mas o desemprego resiste em 5,6% da população ativa.

Medina prometeu que, se for preciso ajustar a consolidação orçamental para amparar famílias e empresas com despesa "fundamental", não hesitará em fazê-lo. Pedirá um orçamento retificativo.

Segundo as novas contas do Fundo, a dívida cai, mas um pouco mais devagar do que estimam as Finanças. O rácio em relação ao PIB deve descer de 114,7% para 111,2%. No Terreiro do Paço, em Lisboa, os números são: 115% em 2022 e 110,8% no final de 2023.

"O pior ainda está para vir e, para muitas pessoas, o ano de 2023 vai parecer uma recessão", declarou Pierre-Olivier Gourinchas, o economista-chefe do Fundo.

Os números do FMI relativos às contas públicas vão ser hoje apresentados por Vítor Gaspar, o antigo ministro português das Finanças, que atualmente é diretor do departamento orçamental do Fundo.

Seja como for, para o FMI, o ano de 2023 deve ser mais fraco e mais frágil do que diz o governo. Nesse sentido, o cenário macroeconómico calculado pelo FMI desmonta ou altera de forma substancial as principais traves em que assenta a proposta de Orçamento.

Como referido, o crescimento da economia portuguesa deve ficar nos 0,7% em 2023, a inflação deve ser bem superior (cerca de 4,7% e não 4% como se estima no OE) e a taxa de desemprego aumenta, pode chegar a 6,5% da população ativa (isto quando o governo assume antes uma estabilização do desemprego em apenas 5,6%).

Portanto, uma das maiores divergências de fundo surge logo na previsão de crescimento e inflação. A começar pelo ponto de partida (este ano), que também é mais fraco. Ao passo que o ministro das Finanças estima um crescimento económico de 6,5% para 2022, a entidade sediada em Washington vê apenas 6,2%.

E, como referido, em 2023, a economia deve crescer apenas 0,7%, quase metade do que assume o Ministério das Finanças no OE (1,3%).

Ao contrário do governo português, o FMI prevê agora um agravamento do desemprego de 6,1% para 6,5%, logo, é de supor por estadia de transmissão mais despesa adicional com apoios sociais e subsídios, por exemplo.

O governo não está a trabalhar nesse cenário: o novo OE2023 diz que o desemprego fica em 5,6% neste ano e no próximo, passando incó-

Previsões ontem divulgadas pelo FMI para Portugal ensombram as que Fernando Medina apresentou na 2.ª feira.



0,7%

FMI Para a instituição dirigida por Kristalina Georgieva, a economia portuguesa deve crescer apenas 0,7% no próximo ano.

1,3%

Governo Medina prevê crescimento de 1,3% em 2023 e inflação nos 4%. O FMI prevê uma subida de preços maior em Portugal: 4,7%.

lume à "degradação" do ambiente externo.

Inflação bastante mais alta

Como referido, a inflação prevista pelo FMI é notoriamente mais elevada (4,7%) face aos 4% onde assenta todo o OE2023.

O ministro Medina disse inclusive que, no que toca à inflação, nem sequer está a trabalhar com uma margem de erro: "a inflação não estamos a trabalhar com intervalos", declarou o governante em resposta a uma questão do DN *Dinheiro Vivo*, na conferência de imprensa do OE.

Para as Finanças, a previsão de agravamento dos preços em 2023 é 4%. Ponto final.

Parte da diferença na inflação prevista (governo *versus* FMI) pode estar na hipótese de evolução do preço do barril de petróleo. O Ministério das Finanças aposta numa descida superior a 20% no custo do barril.

O FMI aponta para uma redução sim, mas de apenas 13%. É uma diferença substancial.

Marcelo Rebelo de Sousa saiu ontem em defesa do cenário macro do governo. "No caso do produto [PIB], penso que o FMI provavelmente não toma em consideração este balanço que vai do ano de 2022 para 2023, a forma de gestão do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)" pois "houve uma parte significativa do PRR que deslizou de 2022 para 2023. Isso tudo somado depois dá uma diferença no produto", disse o Presidente.



DEBILDO SANTOS / GLOBAL IMAGES

Fundo muito pessimista

No diagnóstico abrangente que faz ao mundo e a quase duas centenas de economias, o FMI acredita pouco. "A atividade económica mundial está a registar uma desaceleração ampla e mais acentuada do que o esperado, com uma inflação mais alta do que a observada em várias décadas. A crise do custo de vida, o aperto das condições financeiras na maioria das regiões, a invasão da Ucrânia pela Rússia e a persistente pandemia de covid-19 pesam muito sobre estas perspetivas", disse o antigo chefe de Portugal.

Assim, "prevê-se que o crescimento mundial desacelere de 6% em 2021 para 3,2%, em 2022, e 2,7% em 2023. Tirando a crise financeira mundial e a fase aguda da pandemia da covid-19, este é o perfil de crescimento mais fraco desde 2001".

Além disso, a inflação mundial deve aumentar "de 4,7% em 2021 para 8,8% em 2022", embora depois recue para 6,5% em 2023 e para 4,1% em 2024.

Mas o FMI defende que a política monetária "deve manter o rumo para restaurar a estabilidade dos preços", isto é, continuara subir taxas de juro até que a inflação regresse a um limite próximo dos 2%. Para amparar famílias e empresas neste ajustamento, "a política orçamental deve tentar aliviar as pressões sobre o custo de vida".

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

UTAO deixa alertas para o 4.º trimestre

A Unidade Técnica de Apoio Orçamental (UTAO) alertou ontem para a possibilidade de "riscos descendentes" no cenário macroeconómico durante o segundo semestre, mas não exclui um resultado orçamental no final deste ano superior à meta prevista no Orçamento do Estado de 2022, de -1,9% do Produto Interno Bruto (PIB).

"O excedente orçamental obtido no primeiro semestre, largamente superior ao referencial anual do OE2022, reflete espaço orçamental que possibilita ao governo a adoção, no segundo semestre, de medidas com impacto orçamental em 2022, de apoio às famílias e empresas e de antecipação de despesas, sem comprometer a meta anual", lê-se no relatório sobre as contas das administrações públicas, reportado ao período entre janeiro a junho de 2022.

A UTAO ressaltou que, para o segundo semestre, a atual situação "apresenta riscos descendentes no cenário macroeconómico", nomeadamente uma "desaceleração acentuada" no último trimestre deste ano.



Opinião
Sebastião Bugalho

Ganhou-se um ministro (e um Orçamento?)

Os últimos três dias foram de um sucesso político invulgar neste terceiro governo de António Costa. Ao longo dos últimos nove meses, desde a maioria absoluta de janeiro, não houve ministro que não sofresse com os males do caso ou do acaso, por culpa própria, alheia ou, inclusivamente, do marido. Na apresentação do acordo de competitividade e rendimentos, no domingo, e na apresentação do Orçamento do Estado, na segunda-feira, o governo, que tinha ficado sem pé, pareceu recuperá-lo. E houve um homem em particular a soprar oxigénio nessas braseiras: Fernando Medina.

Demais aplaudido pelos parceiros sociais, a comunicador eficaz da proposta de Orçamento, o ministro das Finanças foi protagonista de um momento político significativo. Não só soube entregar e explicar o documento, como arriscou inserir a sua assinatura pessoal em algo tão determinante para a governação de todos os seus colegas. No verão de 2021, era Medina ainda presidente da Câmara de Lisboa e recandidato ao município, já o ouvíamos falar da necessidade de garantir condições fiscais aos jovens para as novas gerações conseguirem ficar em Portugal. Neste OE, com um alívio no IRS nos primeiros anos de trabalho, concretizou essa preocupação.

Não foi somente um momento de holofotes para o ministro. Foi um episódio de rara emancipação política num governo em que as personalidades escasseiam e as originalidades se pagam caro. Talvez Medina beneficie de uma relação de trabalho antiga com o primeiro-ministro — conhecido centralizador da governação, independentemente dos titulares de cada pasta —, mas o facto é que os últimos três dias foram reveladores de um peso próprio do inquilino do Terreiro do Paço.

No Palácio Foz, o presidente da Confederação dos Agriculto-

res, publicamente hostilizada pela ministra da Agricultura, desdobrou-se em agradecimentos a Fernando Medina. Tinha resolvido uma situação e resolveu ainda outra. Os patrões também o reconheceram como interlocutor e, apesar da turbulência do processo, comprometeram-se com um acordo para os próximos quatro Orçamentos. Se os OE da "geringonça" tiveram um inegável feitor — Pedro Nuno Santos —, os OE da maioria absoluta terão um incontornável autor: Medina.

De domingo a segunda-feira, ficou claro que a influência do ministro das Finanças se estende para as áreas abandonadas pelo desaparecimento de António Costa Silva e Maria do Céu Antunes. Medina, ao dia de hoje, é muito mais do que ministro das Finanças. Que efeitos na sucessão de António Costa terá essa nova distribuição de poder no Conselho de Ministros é uma pergunta que fica no ar, e que os anos de crise também ajudarão a responder.

O maior desafio do ministro, afinal, não é apresentar um Orçamento em vésperas de um ano de crise, com a maior economia da Zona Euro em recessão. O maior desafio do ministro será executar esse Orçamento, geri-lo, atender às expectativas de um país cansado de instabilidade, desenhar e implementar medidas extraordinárias para famílias e empresas quando necessárias, sobreviver ao momento em que o INE revelar que o défice de 2022 foi bem inferior ao agora anunciado, negociar apoios europeus e emissões de dívida conjunta, garantir que o investimento público aproveita suficientemente o PRR para termos cara para pedir outro, etc.

Caso suceda, não teremos só ganho um Orçamento, mas também um governante.

Olhando à volta, não há muitos por aí.

Colunista

Salário mínimo perde isenção de IRS em 2024

O mínimo de existência, isto é, o patamar até ao qual os rendimentos estão isentos de IRS, vai deixar de estar vinculado ao salário mínimo nacional a partir de 2024, segundo a proposta do Orçamento do Estado para 2023 (OE2023). Significa que, daqui a dois anos, quem receber a remuneração mínima, que deverá atingir os 810 euros, começa a pagar imposto.

Segundo o documento, "o valor de referência do mínimo de existência será igual ao maior de dois valores: ou 10 640 euros, que em 2023 será equivalente a 14 vezes o salário mínimo de 760 euros, ou 10 052,7 euros (1,5 x 14 x Indexante dos Apoios Sociais (IAS)).

Com a nova fórmula, em 2023, os trabalhadores com o vencimento mínimo continuarão isentos, mas, em 2024, quando o salário mínimo atingir os 810 euros, já terão de pagar imposto, uma vez que o vencimento anual bruto será de 11 340 euros, superior em 700 euros face ao valor mais alto do mínimo de existência: 10 640 euros.

No atual Código do IRS, existe uma salvaguarda que acautele situações em que o salário mínimo se sobrepõe ao IAS: "O valor de rendimento líquido de imposto a que se refere o n.º 1 não pode, por titular, ser inferior ao valor anual da retribuição mínima mensal". Contudo, esta cláusula desaparece na redação da proposta do OE2023.

O secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, António Mendonça Mendes, afirmou, na apresentação do OE2023 na segunda-feira, que, "apesar de o mínimo ser um valor fixo, é atualizado de acordo com o IAS". "No tempo em que se colocou um valor fixo, não se acauteleu a sua atualização e, apesar da desindexação do salário mínimo a sua evolução será segundo o IAS".

Para saber quanto é que os trabalhadores com salário mínimo vão passar a pagar IRS a partir de 2024 é preciso ter também em consideração o novo mecanismo do mínimo de existência que se transforma numa espécie de dedução que abate ao rendimento coletável antes da aplicação do imposto.

SALOMÉ PINTO

salome.pinto@dinheirovivo.pt

Formação em ciberdefesa atrasada e ministra não explica porquê

DEFESA Nas audições parlamentares de Helena Carreiras, uma delas à porta fechada, o investimento em ciberdefesa e os ciberataques contra o EMGFA e o Ministério tiveram destaque.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

O PSD saiu “muito mais preocupado e intranquilo” da audição da ministra da Defesa Nacional, à porta fechada, que tinha requerido sobre os recentes ciberataques contra o Ministério e o Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA). Mantendo reserva sobre a reunião, o vice-presidente da bancada social-democrata, Joaquim Pinto Moreira, expressou, ainda assim, ao DN, um sentimento de apreensão por Helena Carreiras não ter dado “resposta cabal que dissipasse as zonas de nebulosa que persistem nesta matéria”, sendo “evasiva” e “refugiando-se na informação classificada, mesmo em matérias em que não se justificaria”.

Ponto positivo, no entender de Pinto Moreira, foi a ministra ter “aberto uma janela de oportunidade para o conjunto de iniciativas que o PSD já tinha pensado”: promover debates sobre cibersegurança e ciberdefesa, chamando vários responsáveis da área, como o secretário de Estado da Digitalização, Mário Campolargo, o diretor do Gabinete Nacional de Segurança, contra-almirante Gameiro Marques, e o Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro. “A senhora ministra aceitou como boa esta iniciativa e acreditamos que o PSD não inviabilizará”, afirmou.

Mas a “preocupação” já tinha começado a crescer na audição anterior, esta regimental e pública, que decorreu também nesta terça-feira. Os deputados confirmaram que um plano para formar militares em ciberdefesa e operações no ciberespaço, que deveria ter começado este ano, ainda não arrancou, apesar de a ministra da Defesa ter autorizado em agosto as verbas para o mesmo. Terá sido nessa altura que, recorda-se, conforme o DN noticiou, o governo foi informado pelos Serviços de Informações dos EUA de que o Ministério da Defesa Nacional (MDN) e o Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) tinham sido alvo de um grave ciberataque em que foram exfiltrados, entre outros, documentos classificados da NATO.

Para este plano de formação está prevista uma despesa de 11,5 milhões de euros (+ IVA) durante nove anos (2022-2030), sendo que para este ano deviam já ter sido pagos 1,6 milhões. Foram convidadas já três



A Ministra da Defesa Nacional, Helena Carreiras, na audição no Parlamento, nesta terça-feira.

empresas, duas das quais israelitas, que aguardam o concurso.

“O rei vai nu”, foi a expressão escolhida por Joaquim Pinto Moreira para sintetizar o balanço global do (des)investimento em ciberdefesa, a reduzida execução orçamental e as consequências que estão à vista.

O motivo para o atraso do referido programa de formação no EMGFA – onde está o Centro de Ciberdefesa – foi uma das questões colocadas pelo PSD a Helena Carreiras, mas a ministra não respondeu, tal como não tinha respondido na semana passada quando indagada pelo DN sobre essa situação.

Pinto Moreira lamentou a “opacidade” e elencou as falhas do governo em matéria de ciberdefesa, numa altura em que, frisou, “a ocorrência de ciberataques tem crescido exponencialmente e esse aumento não se verifica apenas em número, mas em grau de complexidade crescente e na sua capacidade para afetar as redes e as infraestruturas críticas nacionais, incluindo as da Defesa Nacional”.

Recordando ainda que “a ciberdefesa nacional foi definida como um dos nove objetivos estratégicos do mandato do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, concretamente no reforço do Centro de Ciberdefesa do EMGFA, dotando-o de maior capacidade

para defender redes militares e realizar operações no ciberespaço”, o deputado indignou-se com o facto de a execução orçamental em 2021 para esta matéria tenha sido “apenas de 27%”. “Senhora ministra, perdoe-me a expressão plebeia, mas o rei vai nu!”, criticou.

Helena Carreiras também não se pronunciou sobre estes números em concreto, sublinhando que está previsto um investimento de mais de 45 milhões de euros até 2030.

A ministra sublinhou que “está a ser feito um esforço” para “reforçar” a ciberdefesa, destacando o referido

“Problemas todos os aliados enfrentam. Isso não define a nossa fiabilidade. O que a define é a nossa resiliência e capacidade de implementar soluções para esses problemas.”

Helena Carreiras
Ministra da Defesa Nacional

despacho para contratar consultoria em formação, bem como a “aquisição de plataformas e equipamentos”, garantindo que “há verbas disponíveis”. “Problemas todos os aliados enfrentam. Isso não define a nossa fiabilidade. O que a define é a nossa resiliência e capacidade de implementar soluções e, nesse ponto, asseguro-vos que todos os aliados reconhecem a Portugal uma exemplar capacidade de resposta”, salienta.

Nesta audição, Helena Carreiras anunciou que a criação do quadro permanente de praças para o Exército e Força Aérea “está em processo legislativo”, embora preferisse não se comprometer com datas. “A minha esperança é que sim, que corra o mais celeremente possível”, respondeu ao Chega que a questionou sobre se esse processo ficaria concluído ainda este ano.

Sobre o orçamento de Estado, entregue segunda-feira, em que a Defesa terá uma despesa total consolidada de 2584,9 milhões de euros (mais 8,3%), destacando-se o investimento de mais 17 milhões na Lei de Programação Militar face às estimativas para 2022, foi o Chega a questionar Helena Carreiras, se, perante estes valores, tinha “condições para continuar no cargo”. Ao que a ministra sorriu e declarou “com certeza que sim”.

valentina.marcelino@dn.pt

Salários atualizados nas Forças Armadas

As Forças Armadas vão ter valorizações salariais “em linha com o que está a ser feito na administração pública”, negociação que ainda decorre mas que deverá ter mais impacto nas categorias mais baixas, anunciou ontem a ministra da Defesa. “Sem antecipar muito ainda, porque estão em curso negociações, também nas Forças Armadas vamos assistir, em linha com o que está a ser feito na administração pública, a valorizações salariais que são mais expressivas justamente para aqueles que têm menos”, afirmou a governante em audição regimental na Assembleia da República. Helena Carreiras respondia ao deputado do Chega Pedro Pessanha quanto a medidas para impedir a saída de efetivos das Forças Armadas, salientando que para os jovens “não é atrativo” ingressar na carreira militar e que “algo tem que ser feito pelo governo” para valorizar estas carreiras. Na resposta, a ministra da Defesa salientou que este é um problema com várias dimensões, mas admitiu que a retenção de efetivos pode passar pela questão dos salários, sem especificar valores.

“Estou confiante que isso vai ajudar a resolver parcialmente este problema (...) também que nos parece importante retomar e avançar no trabalho de revisão do regime remuneratório dos militares, das carreiras dos militares, é algo que fica sinalizado neste Orçamento [para 2023] e que queremos continuar”, acrescentou. A governante salientou que “do ponto de vista da atratividade não há nenhuma situação dramática” e que o problema está na retenção, adiantando que existem “cerca de 10 mil jovens” que todos os anos se candidatam às Forças Armadas.

Questionada pelo deputado João Dias, do PCP, sobre os critérios desta valorização salarial, a ministra respondeu: “Estamos ainda a trabalhar e, portanto, não é momento para adiantar e antecipar o que será o resultado final”. “Certamente haverá situações de valorização expressiva e significativa, sem que isso queira dizer que não estamos preocupados com a necessidade da revisão das carreiras”, frisou.

DN/LUSA



Cartaz de uma das iniciativas organizadas por ocasião do cinquentenário da morte do estudante.

Ribeiro Santos. O "homem pequeno mas corajoso" morreu há 50 anos

ESTADO NOVO Estudante foi morto a tiro por agente da PIDE durante uma reunião associativa. Data não tem passado despercebida e estão marcados vários eventos evocativos da sua memória.

TEXTO RUI MIGUEL GODINHO

A 12 de outubro de 1972, o então estudante José Ribeiro Santos, com 26 anos, foi alvejado por um agente da PIDE num encontro de alunos universitários contra a opressão do regime. Viria a morrer nesse dia, no Hospital de Santa Maria. Um "dos acontecimentos marcantes" da vida de António Garcia Pereira, como assume ao DN o advogado, amigo de Ribeiro Santos, e ex-militante do PCJP-MRPP.

"Foi um crime que saiu caro ao Regime. Depois da morte de Ribeiro Santos [numa quinta-feira], a sexta-feira ficou marcada por uma Lisboa a virar-se do avesso, com as pessoas a aderir aos protestos", conta, fazendo depois um relato do fatídico dia: "Quando se faz a reunião, é visto um indivíduo no anfiteatro do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras [atual Instituto Superior de Economia e Gestão, ISEG] a tomar notas sobre quem falava e de depressa se percebeu, através dos alunos, que era um *bufô* da PIDE. Acerta altura, entram dois agentes no local e, depois de manietado o primeiro, o segundo dispara a arma – que já vi-

nha carregada – e atinge Ribeiro Santos no peito e o José Lamego [antigo deputado do PS] numa perna, que fraqueja mas sobrevive."

Para Garcia Pereira, a imagem que fica do estudante de Direito é a "de um jovem franzino, com um sentido de humor letal, mas muito simpático e que se destacava pelo poder argumentativo, sempre sem ofender ninguém, mas muito firme e pedagógico".

Não sendo contemporânea de ambos, a investigadora Paula Godinho – uma das organizadoras do Congresso Internacional "Resistência juvenil, ditaduras e políticas de memória" –, tem a mesma impressão, retirada de intervenções feitas na conferência, que aconteceu na passada segunda e ontem, na Torre do Tombo.

"O que fica destas sessões, com intervenções de pessoas próximas de Ribeiro Santos, como João Soares [ex-ministro, transportou a urna de Ribeiro Santos], é uma grande emoção. Sabemos agora que era pequeno, não tendo mais de 1,60m, com um grande vozeirão e quando se queria fazer ouvir colocava-se em cima de uma cadeira. Era galvaniza-

dor e tinha uma grande coragem. Fica o retrato de um homem pequeno mas corajoso", descreve a docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova.

Por ocasião dos 50 anos da morte, está ainda prevista uma sessão evocativa no ISEG, que acontece entre as 15.30 e as 16.00 de hoje, onde Garcia Pereira irá intervir, tal como José Lamego.

Também Fernando Rosas, professor e historiador, desempenhou um papel na luta democrática durante o regime do Estado Novo. Tanto é que, quando Ribeiro Santos morreu, estava "preso pela segunda vez, no Forte de Peniche, a cumprir pena política". Por isso, a visão do historiador "é de uma certa distância", mas reconhece o papel que a luta dos estudantes teve na "rutura democrática" que aconteceu aquando do 25 de Abril.

"O assassinato de Ribeiro Santos acabou por radicalizar, e muito, a luta estudantil de então, que passou a colocar a questão colonial no centro da discussão e era algo que não acontecia", explica. "Na prisão, em Peniche, todos os presos se so-

lidarizaram com a causa, mesmo só sabendo da morte de Ribeiro Santos dois ou três dias depois. Fizeram o luto nas celas e abordaram o assunto lá dentro."

Mas o impacto do assassinato vai além da luta estudantil, segundo Fernando Rosas. "Esta radicalização da esquerda tradicional aconteceu também através da cultura e até da própria imprensa, com vários jovens jornalistas a aparecerem vindos destas universidades. O nosso antifascismo de então era muito pouco anticolonialista, e isso mudou com influências do maio de 1968 e das lutas estudantis de 1969, mas também pelo papel que a geração de Ribeiro Santos acabou por ter nesta projeção dos ideais de esquerda", explica o historiador.

"Os testemunhos na conferência acabaram por ser verdadeiramente enriquecedores, sobretudo por ouvir pessoas que conviveram com Ribeiro Santos. É a ação estudantil e da esquerda mais católica que acaba por fazer com que haja uma rutura com o Estado Novo e a implementação da democracia", conclui.

rui.godinho@dn.pt



"Foi um crime que saiu caro ao Regime. Depois da morte de Ribeiro Santos [numa quinta-feira], a sexta-feira ficou marcada por uma Lisboa a virar-se do avesso."

António Garcia Pereira
Advogado,
Amigo de Ribeiro Santos



"Sabemos agora que [Ribeiro Santos] era pequeno, não tendo mais de 1,60m, com um grande vozeirão e quando se queria fazer ouvir, colocava-se em cima de uma cadeira."

Paula Godinho
Investigadora na FCSH-Nova



"O assassinato de Ribeiro Santos acabou por radicalizar, e muito, a luta estudantil de então, que passou a colocar a questão colonial no centro da discussão."

Fernando Rosas
Historiador



Opinião Ribeiro e Castro

Os russos

A Rússia tem tudo — ou tinha, já veremos — para ser uma grande nação do século XXI. Teria de livrar-se dos tiques autocráticos, identificar e resolver os problemas da economia, confiar na sociedade civil e nos cidadãos, atender à crise demográfica. Mas a Rússia não é o único com estas questões, nem elas são impossíveis de enfrentar — querendo, é claro. Esta devia ser (já há algum tempo, aliás) a agenda do poder russo para o século XXI, em vez da loucura senil de partir em guerra contra a Ucrânia e mais de meio mundo.

A Federação Russa, libertada por Gorbachev da sopa ideológica soviética, tinha todas as condições para emergir como grande país, mundialmente admirado. É uma nação milenar. Estende-se até ao Pacífico, pela vastidão euro-asiática, onde brilham cidades históricas como Vladimir, Novgorod, Moscovo, São Petersburgo. Teve grandes monarcas como Pedro I, o Grande, Catarina II, Alexandre I (que venceu Napoleão). A literatura tem nomes como Pushkin, Gogol, Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov, Anna Akhmatova. O poeta Boris Pasternak tornou-se mundialmente famoso com uma novela, banida pela URSS: *Doutor Jivago*. Daria um filme soberbo, romântico, de banda sonora memorável — ganhou cinco Óscares e cinco Globos de Ouro. Pasternak foi distinguido com o Nobel da Literatura. Quatro outros escritores russos também: Bunin, Sholokhov, Solzhenitsyn, Brodsky.

A arquitetura tem edifícios e monumentos notáveis e são sem conta os seus pintores de renome: Argunov, Borovikovskiy, Ivanov, Shishkin, Kandinsky, Marc Chagall, tantos outros. Na música, brilham compositores extraordinários — Tchaikovsky, Rimsky-Korsakov, Rachmaninoff, Stravinsky, Prokofiev, Shostakovich — e intérpretes de excepção: Oistrakh, Rostropovich, Richter. São mestres no bailado, como Pavlova, Nijinsky, Plisetskaya,

Nureyev e Baryshnikov. E quem não se curva diante dos espectáculos do Bolshoi e do Mariinski?

São inúmeros os seus vultos na ciência, como Lomonosov, Pavlov, Sakharov. Os russos têm, ainda, vasta e antiga história de inovação, em todos os domínios, desde os mais sofisticados ou científicos aos prosaicos e comuns, como as montanhas-russas (onde tanto nos divertimos), os bifes *stroganoff*, as fonecas *Matrioska*, o extintor de espuma, a balalaica. E há a história e tradição da Igreja Ortodoxa, a dos judeus e a dos cossacos, com o sopor das estepes.

Tudo isto — e muito mais — faz parte da história e cultura europeias e, em rigor, do mundo. Chegados à era da aldeia global, só um poder completamente demente, decrepito e tresloucado escolhe trocar tudo isto por um paiol de munições e um arsenal de mísseis, bombas e ameaças nucleares. Só um poder cego e brutalizado troca o encanto, a admiração e a influência do *soft power* por acicatar o ódio sangüinário e cavar a fractura cruel.

A Rússia também tem grandes desportistas. Para citar apenas alguns exemplos, Sharapova e Marat Safin, no ténis; no futebol, o lendário Lev Yashin (único guardanets do mundo a ganhar a Bola de Ouro) e Arshavin; Karpov e Kasparov, no xadrez. A violência traiçoeira que Putin faz desabar sobre a Ucrânia desencadeou espontânea resposta do mundo do desporto, banindo a participação russa em provas internacionais e no quadro Olímpico: do futebol ao hóquei no gelo, do basquetebol ao ténis, da canoagem ao andebol, da natação à ginástica, etc. Uma metáfora do isolamento a que Putin, Medvedev, Lavrov e *tutti quanti* conduzem o país. De modo invulgar, a cidadania do desporto ditou uma palavra clara contra a brutalidade e a infâmia das ordens de Putin. Não! O desporto aponta o caminho à comunidade política internacional. Um safanão para despertar.

A agressão da Rússia sobre a Ucrânia, que vive dias e horas dramáticos, é inteiramente contranatura, pois realmente são irmãos. A Rússia engrandece-se se respeitar o mais pequeno. E também se destrói, se o quiser esmagar. Por cada dia que passa desta guerra, a imagem e a memória que vamos guardando dos russos não são as delícias literárias no *Anna Karénina*, de Tolstói, mas o pântano dos horrores no arraso de Mariupol; não é a maravilha coral de *O Canto da Floresta*, de Shostakovich, mas os gemidos e gritos enterrados nas valas comuns em Bucha e Izium; não é a majestade admirável dos templos ortodoxos ou dos grandes monumentos, mas a demolição, à bomba, de escolas, hospitais, teatros, bairros, infraestruturas civis, para infundir o terror. E estou a dizer pouco: seja do imenso legado cultural desperdiçado, seja deste presente enormemente detestável.

Os russos têm de respeitar a história, a arte, a cultura, a religião e a identidade dos ucranianos. Não se salvarão se o não fizerem. Serão tanto maiores quanto mais o fizerem. Os russos têm de beber da inspiração da sua história e dos seus escritores e artistas, não da intoxicação pela mentira e pela cicuta que joram do Kremlin. Têm de libertar o Kremlin e livrar-se a si próprios da maldição de Putin.

Quando se foca os olhos apenas no passado na ilusão de o refazer, é certo repetir os seus horrores, não é nada certo reeditar as grandezas. O mundo, hoje, não está para conquistas; quer paz e entendimentos. Como é possível sentar-se no Conselho de Segurança das Nações Unidas um poder que usa como instrumento da política externa e de defesa uma coisa que dá pelo nome de “Grupo Wagner”? Não é um poder decente. É a sua própria caricatura.

Advogado e ex-líder do CDS.
Escreve de acordo com a antiga ortografia



Opinião Jorge Costa Oliveira

A sabotagem dos Nord Stream e a clivagem no Ocidente

A 26 e 27 de setembro, 4 explosões em águas da Dinamarca e da Suécia destruíram partes dos gasodutos Nord Stream. De acordo com o *Der Spiegel*, nem o governo alemão, nem a UE ou a NATO têm dúvidas de que estas explosões resultaram de sabotagem e não de falha técnica.

Os gasodutos Nord Stream estão em profundidades marítimas que variam entre os 80 e os 110 metros, tendo peritos consultados pelo *Asia Times* considerado que terão sido utilizados veículos subaquáticos pilotados remotamente (ROUV ou ROV) para colocar explosivos nos gasodutos, não sendo possível excluir que tenham sido utilizados mergulhadores especialistas.

Este ataque a infraestruturas subaquáticas críticas é uma gravíssima irresponsabilidade e um precedente perigoso.

Quem terá promovido a sabotagem em causa? Ninguém reclamou a autoria e mesmo após as averiguações da Nord Stream AG — proprietária dos gasodutos em causa — não deverá ser possível ter certezas. Não é crível que qualquer país europeu arriscasse praticar estes atos de sabotagem contra os dois gasodutos. Além disso, tal medida poderia ser considerada pela Rússia como um ato de guerra. Há meses houve rumores de que a Ucrânia poderia promover atentados contra o Nord Stream 2; mas não têm ROUV para o efeito nem é crível que o fizessem quando a Alemanha apoia a Ucrânia na guerra. No que tange à Rússia, que já havia desligado o gás nos Nord Stream, e pode sempre repeti-lo no futuro, não se descortina qualquer necessidade ou interesse em destruir infraestruturas vitais que lhe permitem arrecadar significativos rendimentos e lhe dão uma margem de manobra próxima da chantagem sobre a

principal potência europeia. As infelizes declarações de Biden em fevereiro de 2022 sobre como não permitiria que o Nord Stream 2 funcionasse são chamadas agora à colação. Todavia, é inconcebível que o governo dos EUA tenha, de alguma forma, dado a sua aquiescência a esta sabotagem.

Semos Nord Stream e outros gasodutos provenientes da Rússia (que continuam intactos...), a dependência europeia (sobretudo alemã) de LNG americano é enorme e continuará a aumentar (c. 40% em 2030). Sendo que o custo desse LNG é já mais de 3 vezes o do preço do gás no mercado doméstico americano, estando a retirar competitividade às empresas europeias. O pano de fundo histórico para estes atos de sabotagem inclui também negociações em curso relativamente a contratos para o fornecimento de LNG alongo prazo entre empresas alemãs e empresas fornecedoras estrangeiras, sobretudo dos EUA. Relativamente às quais o governo alemão se tem queixado dos “preços astronómicos” exigidos pelos fornecedores, queixando-se de falta de solidariedade dos EUA.

Independentemente do que as [morosas] investigações vierem a revelar (provavelmente nada de definitivo), se a opinião pública alemã considerar que interesses americanos estão por trás desta sabotagem e contribuíram para uma escalada brutal do custo de energia na Alemanha, teremos aquilo que a guerra de Putin de agressão à Ucrânia não conseguiu: uma clivagem na relação de confiança entre os EUA e a Alemanha.

Consultor financeiro e business developer
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira



Opinião
M. Graça Carvalho

A defesa da liberdade não tem fronteiras

A repartição do Prémio Nobel da Paz por defensores dos Direitos Humanos da Ucrânia, Rússia e Bielorrússia não é um mero apelo a entendimentos entre estes países. O que une o Centro das Liberdades Cívicas da Ucrânia, liderado por Oleksandra Matviychuk, a organização russa Memorial e o ativista bielorrusso Ales Bialiatski é, sobretudo, o amor à liberdade e a disponibilidade para a defender a todo o custo.

Começando pelo último, Bialiatski é um homem com décadas de dedicação à luta pela paz e pela democracia. Começou a sua carreira de ativista no início dos anos 1980, ainda adolescente, numa altura em que Rússia, Ucrânia e Bielorrússia eram todas partes de um mesmo país: a União Soviética. Prosseguiu-a depois da independência. Sem concessões ou contempações. Atualmente, já com 60 anos feitos no mês passado, está preso pelo regime de Lukashenko sob acusações absurdas de evasão fiscal.

O apoio à oposição bielorrussa tem sido uma prioridade do Parlamento Europeu. Eu própria tenho participado em diversas iniciativas de apoio ao respeito pela democracia e pelos opositores políticos naquele país, não apenas de Bialiatski, mas de muitos outros homens e mulheres que têm sofrido as consequências de não se conformarem com a ditadura legal que os gere há quase 30 anos.

Além da defesa dos Direitos Fundamentais, apoiar a oposição bielorrussa significa proteger os valores do mundo livre face a uma visão totalitária e antidemocrática que alguns estão a tentar restaurar. E tem esse significado, não apenas no plano simbólico, mas em termos muito concretos. O recente anúncio, por parte de Lukashenko, de que irá envolver militarmente

o seu país na agressão à Ucrânia, diz tudo sobre os riscos de se deixar a repressão e a intolerância avançarem, aconteça esta onde acontecer.

Oleksandra Matviychuk, hoje com 39 anos, advogada, começou a trabalhar no Centro das Liberdades Cívicas desde a sua fundação, em 2007, praticamente saídas dos bancos da universidade. Foi a primeira mulher a participar no programa para líderes emergentes da Ucrânia, em Stanford.

Na época, o seu país era liderado pelo presidente Viktor Yanukovich. Quando este, em novembro de 2013, contra a vontade da maioria da população, decidiu suspender o Acordo de Associação com a União Europeia, favorecendo em vez disso uma aproximação à Rússia, deu-se o levantamento popular que ficaria conhecido como *Euro Maidan* (Praça da Europa). Durante a violenta repressão que se seguiu, Matviychuk organizou e coordenou um movimento civil para dar apoio jurídico aos manifestantes e recolher informações sobre os seus processos.

No final, ganhou a democracia, mas a organização que lidera continuou a documentar e denunciar detenções ilegais na Crimeia, no Dombasse e na Rússia. Desde a invasão russa, o Centro das Liberdades Cívicas tem-se dedicado a recolher os testemunhos de sobreviventes, para um dia levar à justiça os autores físicos e morais dos abusos cometidos nesta guerra de agressão.

A defesa da democracia e dos direitos humanos não tem fronteiras. A ONG Memorial nasceu com a queda da URSS, com o objetivo específico de investigar violações dos direitos humanos cometidas durante a era soviética. Mas não se deixou ficar pelo escrutínio do passado, mantendo-se como uma observadora incómoda da Rússia moderna. Suficientemente incómoda para entrar em choque com o regime de Vladimir Putin. No mesmo dia em que o seu nome foi anunciado pelo comité Norueguês, um tribunal russo decretava a perda do seu edifício-sede a favor do Estado, já depois de a sua dissolução ter sido decidida em 2021.

Mas a sua história não terminou aqui. É essa a mensagem que o Comité Nobel envia aos ditadores, ao distinguir estas personalidades e entidades. A mensagem de que podem ilegalizá-las, prendê-las e até invadi-las que continuarão a ser faróis da liberdade e da democracia que muitos irão seguir.

Eurodeputada



Opinião
Pedro Tadeu

Medina sabe o que está a fazer?

Desde 2010 que pagamos mais impostos para salvar as contas do Estado. Foi uma emergência. O Orçamento do Estado para 2023 devia agora responder a outra emergência: salvar as contas dos que defenderam o Estado em 2010. Não é isso que está a acontecer.

Que realidade é que este governo está a ver para negociar um acordo de Concertação Social a quatro anos que quase nada dá aos trabalhadores – e o pouco que promete já prevê que não será cumprido, ao depender de uma evolução positiva da economia?... (E como é que a UGT assinou aquilo?...)

Que realidade é que este governo está a ver para fazer um Orçamento com o pressuposto de apenas 4% de inflação em 2023 (ninguém acredita, nem o Presidente da República...)?

Que realidade é que este governo está a ver para achar suficiente enfrentar a subida dos juros à habitação com uma manobra inócua no IRS e uma paternal recomendação ao povo: "Negociem com os bancos"?...

O buslil é este: não se analisou seriamente a hipótese de responder à crise corrente com uma maior ambição nas metas de aumentos salariais.

Se a subida salarial tivesse acompanhado a inflação desde 2010 até ao ano de 2020 quem, antes da chegada da *troika*, recebesse 899 euros mensais (o salário médio da altura) e tivesse o salário atualizado todos os anos deveria estar a ganhar, uma década depois, 1506 euros. Na verdade, o salário médio dos portugueses em 2020 foi, apenas, de 1042 euros.

Houve, portanto, uma perda média de poder comprado lado do trabalhador, ao fim de 10 anos, de 464 euros mensais nominais. É muito.

Até acris que fosse irrealista, dada a sucessão de crises (dividas soberanas, austeridade imposta pela *troika*, pandemia e, agora, guerra na Europa), manter no país uma subida salarial que respeitasse escrupulosamente uma regra de acompanhamento da inflação.

Mesmo assim, qualquermente se compreende que o fosso cavado entre o que se ganhava em 2010 e o que se recebe hoje em dia é demasiado profundo – e a injustiça disto é amargamente ressentida pela sociedade e refletida no voto zangado.

Esta política de empobrecimento de trabalhadores só foi parcialmente contrariada nos anos da *geringonça*, que registaram um aumento médio anual do salário médio de 2,6%, contra uns escassos 0,3% registados nos anos de Passos Coelho.

Oíço imensa teoria económica papagueada há imensos anos a defender essas políticas de

baixos salários "para melhorar a competitividade", dizem.

Por acaso, ó ironia, nessa década o país só teve crescimentos acima de 3,5% do PIB no quinquénio final, precisamente quando o salário médio mais cresceu. Se esses cinco anos consecutivos (interrompidos em 2020 pela pandemia e pelo fim da *geringonça*) não servem, pelo menos, para duvidar, para problematizar, para refletir um bocadinho sobre todas essas certezas absolutas, então não posso confiar na sanidade desses raciocínios.

Por acaso, ó contradição, se olharmos para a década de Cavaco Silva, de 1985 até 1995, quando houve um ano em que o salário médio até subiu 19%, temos, coincidentemente, o período em que o valor do PIB português mais subiu em democracia, algumas vezes acima de 20% – também este facto não abala as certezas destagente?...

Talvez pudessem admitir que a economia portuguesa se afundasse não tiver uma população com um poder de compra minimamente aceitável?...

Acham que o país se aguenta quando as pessoas continuarem, depois de dois anos de pandemia, a cortar nas despesas de restaurante, no *"take away"*, na compra de jornais, num novo telemóvel, numa substituição da velha máquina de lavar, na casa alugada para férias, nas roupas, na farmácia, nos cosméticos, no automóvel?

E o que vai acontecer à economia, às empresas, quando as famílias, como já está a acontecer, aflitas, cortarem até nos consumos mais primários e mais básicos? Quando já decidem comprar um pão mais pequeno?... E quando deixarem de pagar a prestação da compra da casa? E quando as empresas, sem vendas por falta de consumidores, despedirem em massa?...

A folha de Excel do ministro das Finanças até deve estar certa, mas não corresponde à interpretação política correta do estado em que o país se encontra – agora, no meio desta guerra e desta inflação, as contas certas são relevantes, mas não podem ser o mais importante: prevenir um défice de apenas 0,9% e deixar o país na fronteira da fome é mesmo aviltante.

Fernando Medina e António Costa deviam ir a um grande hipermercado, sábado de manhã, falar com as pessoas que lá estão. Talvez assim percebessem, finalmente, que os salários têm mesmo de subir mais e que o acordo de concertação e o Orçamento que fizeram, simplesmente, não prestam.

Jornalista

“

O que une o Centro das Liberdades Cívicas da Ucrânia (...), a organização russa Memorial e o ativista bielorrusso Ales Bialiatski é, sobretudo, o amor à liberdade.”



Há menos peregrinos do que o normal nas estradas, neste 13 de Outubro.

A “perseguição à Igreja”, a “traição” e os “valores que estão a voar”

FÁTIMA Segunda peregrinação mais importante do ano decorre ensombrada pela polémica dos abusos sexuais na Igreja e será presidida pelo próprio bispo de Leiria-Fátima, D. José Ornelas.

TEXTO PAULA SOFIA LUZ

A estrada vai mais vazia do que o hábito, os postos de apoio bem o notaram. Apesar de não terem sido ainda divulgados números oficiais, os voluntários que há dezenas de anos auxiliam os peregrinos que caminham a partir do norte do país em direção a Fátima, sabem que “são muito menos”. Mas ninguém estabelece qualquer relação entre este facto e o momento controverso que atravessa a Igreja Católica, por causa das acusações de abusos sexuais no seio da instituição vindas publicamente nos últimos dias (ver pág. 13).

“O peregrino com fé não se deixa abalar por isto”, afirma ao DN Faustino Ferreira, responsável pelos postos de apoio do Movimento da Mensagem de Fátima, que resume assim a resposta. Há 34 anos que este leigo se dedica ao acolhimento de peregrinos e não tem dúvidas que “o que está aqui em causa é uma perseguição à Igreja. É uma traição

ao cristão”. É dia 11, o último dos quatro dias em que atenda de apoio está montada a junto à Ladeira das Leais, à saída da cidade de Pombal. E enquanto o grupo espera por peregrinos — coisa rara e nunca vista, em anos anteriores — e pela missa que o padre Orlandino Bom há de celebrar, ali mesmo, por volta do meio-dia, há tempo para que os sete voluntários contem como dois anos de pandemia mudaram os hábitos: “As pessoas aproveitaram muito os últimos fins de semana para peregrinar. Quem foi a Fátima viu isso. Esteve sempre cheio o recinto”, revela Faustino.

Uma das voluntárias tem outra opinião. “Antigamente as pessoas metiam uma semana de férias para fazer esta peregrinação. Agora não. Há muita gente que não trabalha, outros não podem tirar esse tempo”.

Não foi o caso de Carlos Rodrigues, natural de Vouzela, funcionário de uma empresa da Figueira da

Foz. Diz ao DN que vai a Fátima “por desporto”, há mais de dez anos. Desta vez juntou-se a ele um casal amigo, emigrantes em França. Entre o grupo, as opiniões dividem-se. O casal está incomodado com as notícias dos últimos dias, mas a ele não o perturbam.

“Fátima representa uma realidade da Igreja muito especial. Até certo ponto, escapa mesmo à Igreja oficial”, considera o padre Anselmo Borges.

Diamantino espera no carro pelo grupo que acompanha há três dias, vindo de Nelas, Viseu. A mulher, Prazeres Filipe, faz a peregrinação pela primeira vez, ao lado do experiente Eduardo, que com esta cumpre a sua 28.ª ida a Fátima a pé. O casal regressou agora a Portugal definitivamente, ao cabo de 40 anos na Suíça. Enquanto Diamantino lê os jornais e percorre, no telemóvel, as redes sociais “para matar o tempo”, Prazeres agarra-se à fé para não pensar no que tem acontecido nos últimos dias.

“É como se todos os valores que nos ensinaram estivessem a voar. Quando éramos pequeninos os nossos pais entregavam-nos aos cuidados dos padres, na doutrina, sem reservas. E agora uma pessoa percebe os riscos que correu”, afirma ao DN, antes de seguir viagem com o grupo de cinco pessoas, pelos caminhos paralelos ao IC2.

Um dos maiores grupos que encontramos na estrada (mesmo que

em nada se assemelhe a outras peregrinações), vem de Braga. Manuel Barbosa faz hoje 42 anos, caminha em promessa, “e também para agradecer”, pois uma doença pô-lo à prova, há uns anos. Carrega com ele uma imagem de Nossa Senhora, “benzida em Fátima”, e que o acompanha em todas as peregrinações.

Desta vez, o grupo é composto por 14 pessoas, quase todos abaixo dos 40. Ninguém quer falar sobre o tema dos abusos. “Isso não abala em nada a nossa fé”, afirma Manuel. O grupo segue, animado, deixando para trás o posto da Mensagem de Fátima, onde já se celebra a missa.

Faustino Ferreira não ignora que tenham ocorrido os abusos. “Isso sempre houve, em todos os tempos. Mas o que está a acontecer agora é o demónio. Como dizia o padre Manuel Antunes, o *mafaricó* entra por todos os cantos para desestabilizar.”

Uma “tragédia” e uma “realidade especial”

O padre Anselmo Borges não acredita que Fátima seja abalada pelos acontecimentos recentes, ao contrário do que acontecerá com a Igreja. “Fátima representa uma realidade da Igreja muito especial. Podemos mesmo dizer que, até certo ponto, escapa mesmo à Igreja oficial. Porque Fátima é fundamentalmente encontro com a Mãe.”

O padre justifica melhor a sua posição: “Na Igreja tudo é masculino. É o Papa, o bispo, o monsenhor, o cônego, o padre... e na sociedade portuguesa tradicional, o pai, na família, representava a lei e a ordem. E as crianças tinham receio do pai. Ora, a nível religioso, as pessoas interiorizaram também isto. E como tudo é masculino, as pessoas vão agora ter com Nossa Senhora, que é a mãe”.

Para o sacerdote, cronista do DN, é ali que a sociedade vai tentar encontrar um contraponto “de ternura e afeto, num encontro muito pessoal, muito íntimo”. Anselmo Borges considera que estamos perante “uma tragédia, que é preciso condenar”. “Eu nunca vi condenação maior da pedofilia do que esta palavra de Jesus: Ele disse ‘deixai vir a mim as criancinhas’. Mas acrescentou ‘ai que de quem escandalizar uma criança. Era melhor atar-lhe a mó de um moinho ao pescoço e lançá-la ao mar’.”

O padre considera que a referida tragédia “atraçou a confiança que as pessoas tinham na Igreja”, para lá do que considera ser “hediondo”, que é “estragar, do ponto de vista físico e psíquico o crescimento de uma criança, pois isso vai afetá-la para todo o sempre”.

Entretanto, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) reiterou esta terça-feira o “pedido de perdão às vítimas” de abusos sexuais de menores no seio da Igreja, assegurando a sua “determinação em tudo fazer para que, no futuro, tais crimes não se voltem a repetir”.

dn@dn.pt

"Ocultar a ocultação passa a ser um abuso da Igreja"

CRIMES SEXUAIS Comissão ouviu 424 vítimas. Laborinho Lúcio defende que católicos não podem esconder. Agressores serão revelados.

TEXTO CÉU NEVES

A Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica apresentou ontem o último balanço antes do relatório final: 424 vítimas e centenas de abusadores. Só 47 poderão ser investigados pelo Ministério Público, os restantes crimes prescreveram. Mas a equipa vai entregar uma lista dos denunciados à hierarquia católica e, dos que estão vivos, ao Ministério Público. "Os abusos não são da Igreja, são cometidos por membros da Igreja. Se acontecer a ocultação da ocultação, passam a ser abusos sexuais da Igreja", defendeu Laborinho Lúcio.

O juiz conselheiro jubilado, um dos seis membros da Comissão, falava sobre o papel dos católicos na denúncia dos abusos sexuais de crianças, crime público desde 2007, como sublinhou. Agressões ocultas durante anos e que, sobretudo a partir da declaração do Papa Francisco de "tolerância zero", tiveram "abertura completa" para serem investigadas. Mas, se a Igreja persistir na ocultação, o ex-ministro da Justiça considera que passam a ser abusos sexuais da Igreja.

Uma posição que vem, também, a propósito do bispo de Leiria José Ornelas, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), estar a ser investigado pelo Ministério Público (MP) por duas situações de alegado encobrimento. A Comissão reiterou que mantém o silêncio sobre casos concretos, nomeadamente os vindos a público. Sobre as denúncias de abusos sexuais do ex-bispo de Díli, Ximenes Belo, frisou que o âmbito de ação da equipa é apenas a Igreja Católica portuguesa.

A Comissão enviou para o Ministério Público (MP) 17 casos passíveis de investigação e está a estudar mais 30 que não terão prescrito. Na lei portuguesa, o crime de abuso sexual de menor prescreve cinco anos depois de a vítima completar 18 anos, ou seja, aos 23 anos. O Parlamento aprovou no ano passado propostas para alargar o prazo, mas o processo ainda não teve continuidade.

Independentemente dos casos de abusos sexuais na Igreja terem prescrito, a CEP irá receber "a listagem de todos os nomes de membros da Igreja Católica portuguesa

reportados à Comissão", anunciou o pedopsiquiatra Pedro Strecht, o seu coordenador. E para o MP irão todos os nomes dos que ainda estão vivos, a maioria.

"O MP não pode fazer nada nas situações que prescreveram, mas decidimos enviar no sentido de, porventura, serem tomadas medidas de prevenção. É uma ação claramente preventiva", justificou Laborinho Lúcio. E acrescentou: "Em relação ao que a Igreja pode fazer, não há prazo de prescrição e, aí, temos de esperar pelo relatório final".

O psiquiatra Daniel Sampaio referiu que "a ocultação é inerente ao abuso sexual" e que a função da equipa foi de tirar "esse manto de ocultação". Salientou que "as vítimas estão numa situação de grande vulnerabilidade".

Mais rapazes

"Se os crimes prescreveram, o sofrimento das vítimas persiste e a ele continuamos atentos e solidários", prometeu o pedopsiquiatra. Até porque existem "diversas situações em que o mesmo alegado violador é referido por diferentes pessoas ao

longo dos anos, o que revela a noção de risco de prossecução temporal deste tipo de atividade e em locais diversos onde vão sendo colocados para exercer atividade religiosa".

Os 424 testemunhos – entre os quais oito enviados pelas 21 comissões diocesanas –, dizem respeito apenas às vítimas com menos de 18 anos à data dos abusos sexuais. Deram "depoimentos consistentes" e traçam "quadros graves existentes ao longo das décadas, mais evidentes quanto mais para trás se recua no tempo, sendo que em alguns locais assumiram proporções verdadeiramente endémicas", concluiu a equipa.

A socióloga Ana Nunes de Almeida explicou que o limite de 17 anos de idade é o que está contemplado na Convenção dos Direitos da Criança. "Tivemos testemunhos de mulheres que, à data, tinham 18 e mais anos, que descartámos, bem como quem estava no estrangeiro". Essas pessoas foram aconselhadas a dirigirem-se a outros organismos. Marcelo Rebelo de Sousa considerou que o volume de queixas "não parece particularmente elevado", o que motivou críticas dos partidos, da esquerda à direita (*ver última página*).

"O número mínimo de outras vítimas referidas nestes depoimentos será, no final, muitíssimo maior do que as quatro centenas", sublinhou Pedro Strecht. "Atinge crianças de ambos os sexos, quase todas então católicas e praticantes, com maior proporção de rapazes, de todos os pontos do país, englobando as diversas realidades e grupos sexuais."

O relatório final será divulgado a 31 de janeiro, quando a Comissão dará o seu trabalho por terminado. Reportará todos os testemunhos registados até 31 de outubro (através do 91 711 00 00 ou do e-mail geral@darvozasilencio.org), cruzando com a informação do MP e da PJ. E o Grupo de Investigação Histórica está a fazer um levantamento dos arquivos eclesiais entre 1950 e 2022.

Apenas os depoimentos registados até ao final do mês serão contemplados na amostra de trabalho, mas a equipa continuará disponível para "ouvir todas as pessoas" e "recolher todos os dados".



"Enviar [nomes] ao MP no sentido de, porventura, serem tomadas medidas de prevenção. É uma ação preventiva. Em relação ao que a Igreja pode fazer, não há prazo de prescrição."

Laborinho Lúcio
Juiz conselheiro jubilado

ceuneves@dn.pt



Opinião
Francisco George

Humanismo

Trabalhar, voluntariamente, em organizações humanitárias representa uma forma diferente de estarna vida, por múltiplas razões. Antes de tudo, pela sensação, única, em construir Humanismo. Desenvolver Solidariedade. Cultivar Fraternidade.

Esta ideia começou há muitos anos, no tempo da Segunda Guerra da Independência de Itália, em 1859. Então, o poderoso Exército do Imperador Austro-Húngaro, Francisco José, combatia a Itália que lutava pela Libertação do seu Território.

Era o tempo do guerrilheiro Garibaldi (1807-1882), mas, também, do compositor Verdi (1813-1901) que compunha as suas eternas óperas.

Nesse ano, em 1859, confrontaram-se, por um lado, as tropas francesas de Napoleão III, aliadas aos Exércitos italianos do Reino da Sardenha de Vítor Emanuel II e das Províncias Unidas do Centro e, por outro lado, os contingentes do Império da Áustria às ordens de Francisco José I. Os Aliados juntam mais de 190 mil soldados e 800 peças de artilharia. Os austríacos, em desespero, chegam a mobilizar, ao longo da campanha, um total superior a 250 mil militares.

Primeiro, foi Garibaldi, que à frente de forças voluntárias, conhecidas como Caçadores dos Alpes, derrotou os austríacos, em abril, e depois, em Solferino (aldeia da Lombardia), em junho, o Imperador da Áustria sofreu, novamente, pesada derrota imposta pelos Aliados.

As crónicas da época que descrevem em pormenor a Batalha de Solferino são impressionantes. Perturbam pela crueldade. Comovem. O conflito armado envolveu, somando os dois lados, mais de 200 mil soldados. No final do dia, os campos dos confrontos armados ficaram povoados de corpos prostrados no chão vermelho, ensanguentado. Eram muitos milhares de soldados, mortos e feridos, dos dois Exércitos. A

impiedosa dureza dos combates retrata uma desumanidade absoluta.

Era preciso organizar o socorro aos combatentes, mas sem distinção de nacionalidade. Eram muitos milhares de feridos. Homens em horrível sofrimento que necessitavam de apoio urgente. Reclamavam por cuidados, às vezes era até tão simples como a limpeza de um ferimento superficial ou dar água a beber. Outras, pelo contrário, em soldados sem forças devido aos ferimentos graves provocados por tiros de espingarda, de canhão ou baionetas. Um horror difícil de descrever.

Foi então que o cidadão suíço, Henry Dunant, que presenciou a desumanidade da batalha, foi procurar ajuda aos residentes, civis, da aldeia para recolherem os soldados feridos, a fim de serem tratados sem qualquer distinção. Derrotados e vitoriosos. Os socorristas voluntários ignoravam as cores dos fardamentos e as nacionalidades. Era tempo de sobrepor os valores do Humanismo a quaisquer outros interesses. Italianos, franceses, austríacos eram todos homens. Todos sofriam. Todos distantes das famílias. Todos precisavam de auxílio. Por igual. Sem nenhum tipo de discriminação.

Logo depois, muitos outros conflitos, com cenários semelhantes, voltaram a acontecer.

Homens continuam a guerrear contra outros homens. Preferem soluções belicistas na resolução de conflitos. Não privilegiam o diálogo.

Hoje, assim é, entre russos e ucranianos. Que atrocidades! Uma vergonha, antes de tudo, para Putin.

Moral da História:

Será que os líderes da NATO, da União Europeia, do Reino Unido e Estados Unidos da América, ao enviarem tanto armamento para a Ucrânia, estarão a erguer a Paz ou a Guerra?

Ex-diretor-geral da Saúde
franciscogeorge@icloud.com



Opinião Duarte Lynce de Faria

Segurança marítima, o desafio da descarbonização e da responsabilidade civil

A elaboração de um trabalho de investigação na área do Mar – como é o caso da “Segurança Marítima” – envolve uma transversalidade de contributos de diversas disciplinas que têm impacto na definição de conceitos jurídicos comuns às mais de 60 convenções internacionais sobre segurança marítima e que têm alterado a sua hermenêutica ao longo dos tempos!

Como se não bastasse esta normal evolução, duas circunstâncias recentes procederam à sua aceleração: por um lado, o ressurgimento da escassez energética e de uma crise alimentar, resultando numa inflação galopante, fruto igualmente da instabilidade provocada pela invasão da Ucrânia e do aumento de tensões em determinados “*shock points*” mundiais; por outro, a necessidade de se caminhar para um roteiro (acelerado) de transição energética, com a espada em cutelo dos impactos progressivos e gravosos devidos às alterações climáticas.

O transporte marítimo é responsável pela realização de mais de 90% de todo o comércio externo europeu e, a nível mundial, abrange mais de 180 bandeiras de diversos Estados, cerca de 50 000 navios, 1,2 milhões de trabalhadores marítimos e apresenta um fluxo comercial de 9,5 mil milhões de toneladas de carga.

A análise dos principais institutos do Direito Marítimo juntamente com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar de 1982 constituem dois tipos de instrumentos essenciais para se compreender o acervo jurídico em que se estrutura o (novo) Direito da Segurança Marítima, que só emergiu, com toda a sua pujança legislativa, após a ocorrência do acidente do navio-tanque *Torrey Canyon*, em 1967.

Na verdade, a partir dos finais da década de 60, passou a constituir também uma preocupação da comunidade internacional a criação de mecanismos jurídicos que melhorassem a imputação da responsabilidade civil e que contemplassem a indemnização às vítimas, de forma segura e célere, que veio a ser materializada nas convenções CLC (*International Convention on Civil Liability for Oil Pollution Damage*) e FUND (*International Convention on the Establishment of an International Fund for Compensation for Oil Pollution Damage*) em 1969 e 1971, respetivamente.

Posteriormente, reforçou-se e harmonizou-se o normativo internacional, agregando

do as diversas convenções numa tipologia quadripartida – segurança marítima, prevenção da poluição marinha, responsabilidade civil e intervenção.

O (novo) Direito da Segurança Marítima define-se com uma abrangência normativa bastante ampla e, em muitos casos, com mecanismos de imputação idênticos de responsabilidade civil, abordando a responsabilidade marítima dos Estados e as normas específicas de atuação para o Estado de bandeira, para o Estado costeiro e para o Estado do porto.

Esta disciplina de responsabilidade internacional adquiriu, hoje, uma dinâmica própria quer no aprofundamento da responsabilidade dos institutos tradicionais (como a responsabilidade do poluidor por derrames de hidrocarbonetos no mar), quer pela abrangência de novas matérias, como é o caso da cibersegurança a bordo dos navios, nos portos (marítimos) e em toda a cadeia logística que abarca “infraestruturas críticas”, consideradas “essenciais para a saúde, segurança e bem-estar económico e social da sociedade nos setores da energia e transportes” a nível nacional e europeu (desde a vigência da Diretiva n.º 2008/114/CE, do Conselho, de 8 de dezembro).

Sucedo que, para além da “Segurança Marítima” integrar hoje novas áreas de regulação e de aprofundar as existentes, o desafio da descarbonização no setor marítimo-portuário veio alterar qualitativamente a sua abordagem tradicional, que se prete a endigir agora como um novo ramo do Direito.

Para mais, apenas em períodos de insegurança ou de escassez, a Humanidade vê-se na contingência de criar ruturas com o *statu quo*, e é exatamente esse o momento presente: a invasão da Ucrânia veio demonstrar que o equilíbrio político mundial – conseguido após a 2.ª Guerra Mundial e que se aprofundou com o fim da “Guerra Fria” – caminha para a falência total e que leva, na sua esteira, ao fim da globalização como é hoje conhecida.

Para a (nova) globalização contribuirá o reforço da independência regional que implica um aprofundamento da produção regional em setores-chave (como os semicondutores) e só a partir daí se visará uma globalização inter-regional, cujo alto preço a pagar será, no princípio, a elevada desconfiança e o aumento generalizado dos custos das cadeias logísticas.



“**A ‘sustentabilidade ambiental’ do transporte marítimo não será só um objetivo a atingir com impacto nas alterações climáticas e na qualidade de vida como, a médio e a longo prazo, será uma condição essencial para a competitividade e resiliência dos armadores mundiais.**”

Ao nível da Europa, por exemplo, depois de muitos anos de dependência das fontes de gás natural provindos da Rússia, e gora dos que foram, substancialmente, os esforços da União Europeia para a construção de gasodutos com diferentes proveniências, a visão de sustentabilidade energética passa, também, pelo transporte dos novos gases de fonte renovável do sul da Europa, particularmente, das penínsulas Ibérica e Itálica.

No passado dia 5 de outubro, a Cimeira Hispano-Alemã na Corunha concluiu pela necessidade imperiosa da melhoria da interconexão por gasoduto entre a Península Ibérica e a Europa Central (a começar pelo chamado “MIDCAT”) que poderá, em 2025, ser um meio robusto para o transporte das energias renováveis, com a necessária requalificação, modernização e extensão.

Contudo, esta intenção não prejudica a utilização temporária por gás natural dessa infraestrutura, como sucede atualmente na Península Ibérica, tornando possível, com as interconexões, a diversificação da sua proveniência nos países do Centro da Europa e, naturalmente, baixando os custos “astronómicos” no mercado dos seus atuais fornecedores de gás natural liquefeito – essencialmente, os Estados Unidos, a Noruega e o Qatar.

A perspetiva evolutiva do transporte marítimo e dos portos no âmbito do Pacto Ecológico Europeu (*European Green Deal*), promovido pela União Europeia, afigura-se de extrema importância, não esquecendo que esta incerteza faz parte de um mercado em desenvolvimento e que almeja, até 2050, ser neutro em carbono.

Assim, a “sustentabilidade ambiental” do transporte marítimo não será só um objetivo a atingir com impacto nas alterações climáticas e na qualidade de vida como, a médio e a longo prazo, será uma condição essencial para a competitividade e resiliência dos armadores mundiais.

Este livro teve em conta a necessidade de se adquirirem conhecimentos multidisciplinares na segurança marítima, tendo como universo de leitores juristas, gestores, engenheiros, ambientalistas, estudantes universitários e profissionais do setor marítimo-portuário e, naturalmente, investigadores e todos os que, como nós, tenham o “MAR” como matriz da “sua navegação”!

O famoso questionário Proust respondido pelo arquiteto **Álvaro Leite Siza**

“O desenho é um instrumento de criação muito forte e que me dá um especial prazer”

A sua virtude preferida?

Honestidade, transparência e autenticidade.

A qualidade que mais aprecia num homem?

A justiça e a ética.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?

As mesmas.

O que aprecia mais nos seus amigos?

A solidariedade.

O seu principal defeito?

A insegurança, a teimosia e o perfeccionismo, embora, paradoxalmente, considere este último também uma qualidade.

A sua ocupação preferida?

Criar, e não me cinto a uma disciplina, tudo o que seja inventar e inovar. O desenho é um instrumento de criação muito forte e que me dá um especial prazer.

Qual é a sua ideia de “felicidade perfeita”?

Sentir-me bem física e mentalmente. De certa forma, equilíbrio e saúde e poder estar bem com os outros.

Um desgosto?

A morte precoce de um ente querido.

O que é que gostaria de ser?

Um criador com trabalho. Incomoda-me a competição e a injusta e desenfreada marcação de territórios no mundo contemporâneo.

Em que país gostaria de viver?

Num país culturalmente evoluído, sem corrupção, sem prevaricação e com valores.

A cor preferida?

Dark blue/Azul-escuro.



A flor de que gosta?

Camélias ou japoneiras e hidrângeas.

O pássaro que prefere?

A águia.

O autor preferido em prosa?

Vladimir Nobokov.

Poetas preferidos?

Fernando Pessoa e Pablo Neruda.

O seu herói da ficção?

Stanley Kubrick.

Heroínas favoritas na ficção?

Anna Karenina.

Os heróis da vida real?

Leonardo da Vinci.



As heroínas históricas?

A rainha Isabel I.

Os pintores preferidos?

Pablo Picasso.



Compositores preferidos?

Mozart.

Os seus nomes preferidos?

Henrique e Inês.

O que detesta acima de tudo?

Injustiça e desonestidade.

A personagem histórica que mais despreza?

Todos os tiranos que se escondem habilidosamente por detrás de sistemas ditos democráticos.

O feito militar que mais admira?

Nenhum.

O dom da natureza que gostaria de ter?

O que tenho.

Como gostaria de morrer?

Em paz.

Estado de espírito atual?

Ceticismo.

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?

A insegurança.

A sua divisa?

Nunca desistir.





Quase 60% dos residentes admite que as suas casas têm insuficiências na construção.

40% dos moradores de Lisboa dizem sentir frio em casa no inverno

POBREZA ENERGÉTICA Estudo pioneiro sobre a capital mostra que mais de 70% dos residentes optam por vestir mais roupa ou usar mais cobertores antes de recorrer a aparelhos de aquecimento.

TEXTO ANA MEIRELES

Em Lisboa, 40% dos seus moradores admite sentir frio em casa no inverno, sendo que este valor sobe para 52% quando falamos do calor sentido nas residências da capital no verão. É ainda referido que o frio e o calor excessivos no interior das suas habitações afetam negativamente a saúde, nomeadamente a qualidade do sono. Estas são algumas das conclusões preliminares do estudo sobre o desempenho térmico e pobreza térmica realizado pela Lisboa E-Nova – Agência de Energia e Ambiente de Lisboa, que serão apresentadas quinta-feira.

“Uma das principais conclusões deste estudo, referindo que em Lisboa ainda não tinha sido feito um deste género, é que acima de metade dos inquiridos reconhece que há uma relação entre conforto térmico e saúde”, diz ao DN Sara Freitas, coordenadora de projeto na Lisboa E-Nova. “E depois temosa questão

de as pessoas sentirem a sua casa, tanto no inverno como no verão, desconfortável em grande parte do tempo”, acrescenta a mesma responsável.

Olhando para os resultados preliminares deste estudo, de facto, 54% dos moradores em Lisboa considera que passar frio ou calor em casa tem um impacto negativo no seu estado de saúde, sendo que “tanto no verão, como no inverno, a percentagem de pessoas que sentem impacto no sono é muito grande”, refere Sara Freitas.

No que diz respeito à forma como os lisboetas tentam combater o frio ou o calor nas suas casas, os resultados trazem algumas surpresas, como a opção por usar roupa mais quente ou apostar na abertura de janelas e estores antes de recorrerem a aparelhos de climatização. “Em Lisboa, mais de 70% referiu vestir roupa mais quente, também acima de 70% está a opção por colocar mais

54%

Impacto na saúde O estudo indica que 54% dos residentes em Lisboa considera que passar frio ou calor em casa tem um impacto negativo na sua saúde. Os moradores de Campolide são os que mais se queixam (74%).

59%

Ineficiência construtiva Foi apurado que 59% dos moradores diz ter situações de ineficiência construtiva na sua habitação. Humidade (31%) é a maior queixa dos residentes.

cobertores e roupa mais quente na cama. E depois existem dados interessantes, como os cerca de 20% que dizem que não aquecem a casa no inverno, face aos acima de 40% que afirmam que não arrefecem a casa no verão”, enumera esta responsável da Lisboa E-Nova. “Aqui a questão da pobreza energética e do conforto ainda é algo que está muito focado no inverno e na questão do aquecimento, e ainda não se percebeu que o calor excessivo também tem um impacto, que é mais gradual ao longo do tempo, mas ao qual se deve dar atenção, porque as cidades estão a ficar cada vez mais quentes”, sublinha Sara Freitas.

Ainda neste capítulo há a notar que, segundo a responsável da Lisboa E-Nova, “cerca de 1/3 dos inquiridos reporta usar o aquecedor a óleo, que é um dos equipamentos menos eficientes, mas que ainda está muito presente nas nossas habitações, sendo que em termos de

Porto com algumas semelhanças

Cerca de 40% dos residentes no Porto admite desconforto em relação à temperatura em casa durante o inverno, enquanto 23% diz-se igualmente desagradado com a temperatura em casa no verão, de acordo com o estudo sobre o desempenho térmico e a pobreza energética levado a cabo na Invicta pela AdE Porto – Agência de Energia do Porto. O documento mostra que 47% dos inquiridos no Porto identifica alguma situação de ineficiência construtiva nas suas habitações, sendo as mais apontadas a infiltração excessiva de ar pelas portas e janelas, a presença de humidade e o fraco isolamento térmico das paredes. De notar ainda que 70% dos moradores não sabe dizer se a sua casa está classificada energeticamente ou a que classe pertence. E embora mais de metade não saiba que existem fundos de apoio à realização de obras de renovação em casa para melhoria da sua eficiência energética, 77% acha importante a existência de gabinetes de aconselhamento sobre energia e conforto térmico habitacional.

arrefecimento também as ventoinhas estão muito presentes, igualmente com 1/3 a afirmar usar este equipamento. O ar-condicionado, sendo um dos aparelhos com maior eficiência, está presente em cerca de 20% das habitações”.

Outro dado que faz parte dos resultados preliminares mostra que 59% dos moradores da capital identifica alguma situação de ineficiência construtiva nas suas habitações. As mais apontadas são a humidade (31%), entrada de ar através de portas e janelas (29%), fraco isolamento térmico das paredes (20%) e da cobertura (14%).

Questionados sobre literacia energética, 47% dos inquiridos em Lisboa diz-se informado sobre temas de energia e conforto térmico na habitação, mas cerca de 70% não sabe responder se a sua habitação está classificada energeticamente ou a que classe energética pertence. A classe C é a mais reportada por quem tem este conhecimento, seguida da B.

Embora mais de metade desconheça a existência de fundos de apoio à realização de obras de renovação em casa de forma a melhorar a sua eficiência energética – como o Programa de Apoio Edifícios + Sustentáveis –, 80% dos inquiridos considera ser importante a existência de gabinetes de aconselhamento público gratuito sobre energia e conforto térmico em casa.

ana.meireles@dn.pt



PEDRO MARTINS / GLOBAL IMAGENS

Pandemia acabou por abrir a porta ao desenvolvimento do trabalho remoto.

Inovação, emprego e investimento em debate em Loures

CONFERÊNCIA A mostra *Loures investe em si* decorrerá nos dias 14 e 15 de outubro, no Pavilhão Paz e Amizade. Debates, *workshops* e uma mostra de empresas locais com divulgação de ofertas de emprego preenchem o programa.

TEXTO FÁTIMA FERRÃO

Portugal é, segundo um estudo recente do ManpowerGroup, o segundo país do mundo onde os empresários têm mais dificuldade em contratar recursos humanos. No entanto, conclusões de outras pesquisas, revelam que o problema nacional não se resume à escassez de talento, nem à sua falta de qualificação, mas, em muitos casos, à falta de liderança ou a lideranças que desperdiçam estes recursos. A verdade é que, da parte do setor empresarial, são cada vez mais as queixas sobre estas dificuldades, que são transversais a quase todos os setores de atividade.

Por outro lado, muitos talentos qualificados continuam a escolher outros países para trabalhar, essencialmente porque os salários em Portugal são baixos, deixando as empresas nacionais ainda com maior dificuldade em preencher os seus quadros.

Apesar deste movimento migratório de saída, a pandemia e a generalização do trabalho remoto abriram a porta a que cada vez mais portugueses – especialmente no setor das tecnologias de informação (TI) – trabalhem desde Portugal para empresas sediadas em qualquer parte do mundo. Estima-se, por exemplo, que a percentagem de recursos neste modelo seja já 20% do total de trabalhadores na área de TI.

Como podem as organizações nacionais competir com *players* internacionais que lutam pelo mesmo talento? De que forma pode o país tornar-se atrativo para captar trabalhadores qualificados? Que modelos devem os gestores implementar para reter o seu talento e para requalificar quadros internos para novas funções? Estas e outras questões serão debatidas por um painel de especialistas, ao longo da manhã do primeiro dia da conferência *Loures investe em si*, dia 14 de outubro.

Outros temas igualmente pertinentes, tais como como as trans-

formações atuais nas empresas, os desafios da mudança, como será o espaço de trabalho no futuro, que empregos serão necessários, e que papel terá o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) no apoio ao emprego, digitalização e requalificação, também estarão em debate nesta conferência.

Da parte da tarde, uma outra mesa-redonda abordará a temática das empresas, a Economia 4.0 e as oportunidades que pode trazer para o tecido empresarial, e as fontes de financiamento disponíveis através dos programas PT2030 e PRR. Ambos os debates serão transmitidos, via *streaming*, no site do Diário de Notícias.

Os *workshops*, divididos pelos dois dias do evento abordarão temas tão diversos como os aspetos legais na contratação de migrantes, a importância do registo de marcas nas empresas, ferramentas de *marketing* pessoal, o futuro dos negócios ou o microcrédito, e contarão com a participação de especialistas em cada uma das áreas.

Esta mostra pretende ser uma referência na divulgação das políticas de apoio ao investimento, inovação e criação de emprego e destina-se ao tecido empresarial do Concelho de Loures, aos munícipes em processo de (re)integração no mercado de trabalho ou transição de carreira e à população em geral.

Esta mostra pretende ser uma referência na divulgação das políticas de apoio ao investimento, inovação e criação de emprego.

Diário de Notícias Portugal no século XX 1900 - 1999

CÉSAR SANTOS SILVA



AOS DOMINGOS

6º volume
NAS BANCAS
por apenas
6,50€
+jornal

Descubra nesta obra **inédita**, constituída por 15 volumes, as mais importantes figuras e momentos da nossa história e cultura. Viaje no tempo com esta coleção imperdível.



OS ANOS DE 1900
Peça no quiosque



OS ANOS 10
Peça no quiosque



OS ANOS 20
Peça no quiosque



OS ANOS 30
Peça no quiosque



OS ANOS 40
NAS BANCAS



OS ANOS 60
16 DE OUTUBRO

SAIBA MAIS:



Para qualquer esclarecimento: apoiocliente@noticiasdirect.pt

Linha de Apoio: 219 249 999

(CUSTO DE CHAMADA DE ACORDO COM O TARIFFÁRIO DE TELECOMUNICAÇÕES CONTRATADO PARA REDE FIXA OU MÓVEL NACIONAL)
Coleção composta por 15 livros, distribuídos em banca aos domingos com o jornal, de 4 de setembro a 11 de dezembro de 2022. FVP unitário: 6,50€ cont. (IVA incluído) + jornal. FVP da coleção: 97,50€ cont. (IVA incluído) + 15 jornais. Venda limitada ao stock existente. CADA TÍTULO PERMANECE À VENDA EM BANCA DURANTE DUAS SEMANAS.

Crescimento a dois dígitos em agosto aproxima vinho de vendas recorde

EXPORTAÇÕES Portugal está a vender menos vinho ao exterior, mas com maior valor, o que se traduz num aumento de 3% no preço médio. Só em agosto, exportações aumentaram 17,5%.

TEXTO ILÍDIA PINTO

Setor espera fechar o ano a crescer 1,5% em vendas para o exterior.



MIGUEL FERREIRA DA SILVA / GLOBAL IMAGENS

As exportações nacionais de vinho ganharam nova vida em agosto, disparando 17,5% e levando o acumulado dos primeiros oito meses do ano de novo para terreno positivo. No total, Portugal vendeu ao exterior 211,3 milhões de litros, no valor de 586,2 milhões de euros. São mais 4,3 milhões do que em igual período de 2021, representando um aumento de 0,74% em valor. Em quantidade, vendemos menos 1,94%, o que fez subir o preço médio 2,73% para 2,77 euros por litro. O presidente da ViniPortugal fala numa reposição de garrafas e rótulos e numa maior disponibilidade de contentores no mercado, questões que tiveram "forte impacto" nos dados das exportações de agosto, e mostra-se convicto de que o setor terminará o ano a crescer na ordem dos 1,5%, atingindo novo recorde de vendas ao exterior.

Foi em março que as exportações de vinho (que cresceram a dois dígitos em grande parte do ano de 2021) começaram a cair, com quebras acima dos 8% nesse mês e de quase 7% em abril. Em maio, mantiveram-se em linha com o ano anterior, registando

apenas 0,16% de perda, mas em junho voltaram a registar 6% de queda. Julho já foi mês de retoma, mas agosto foi o grande pontapé de saída na recuperação externa do setor. Para Frederico Falcão, a explicação está na maior disponibilidade de garrafas, caixas e rótulos, bem como de transportes.

"Acredito piamente que esta quebra, a que vimos assistindo, tenha a ver com a falta de matérias subsidiárias, que se verificou sobretudo durante o primeiro semestre. Colmatado esse problema, vimos já uma alteração em julho, quando as exportações totais ainda caíram, mas já subiam se retirada a influência do Vinho do Porto, uma tendência que se reforçou em agosto", refere o presidente da ViniPortugal. E acrescenta: "Estou plenamente confiante que vamos terminar este ano a crescer acima de 1,5%. Estes dados de agosto dão-nos uma indicação muito boa que as exportações estão a recuperar e que vamos conseguir acabar o ano com boas notícias para o setor dos vinhos".

Retirado o efeito do Vinho do Porto, que está a cair 2,6% nos primeiros oito meses do ano para 182,2

milhões de euros, os vinhos portugueses crescem 2,31% em volume e o preço médio de exportação aumentou 3,2% para 2,29 euros por litro. Em termos de mercados, a ViniPortugal destaca o comportamento de Angola – que, "apesar do preço baixo, está a subir muito em termos de preço médio", com as vendas totais a crescerem 77,4% e o preço médio a aumentar 16,5% para 1,30 euros –, México (+50,4%) e Japão

Trocas comerciais crescem em agosto

Os dados de agosto foram particularmente significativos para as exportações portuguesas, que cresceram, no total, 32,6% para 5779 milhões de euros. Já as importações aumentaram 51,9% para 9281 milhões, impulsionadas pelo crescimento de 169% nas importações de combustíveis e lubrificantes. Excluindo esta gama de produtos, registaram-se em agosto aumentos homólogos de 27,3% nas exportações e 33,3% nas importações.

(+22,6%). No *Top-20* dos principais destinos de exportação, o mercado japonês é o que mais valoriza os vinhos portugueses, com o preço médio a subir dos 3,2 euros em 2021 para os quatro euros este ano. É um aumento de 25%.

Já pela negativa, Frederico Falcão assume-se preocupado com o Brasil, que tem sido "um dos principais mercados no crescimento das nossas exportações nos últimos anos" e está, este ano, a cair 7,3%, para 41 milhões de euros. Uma performance que, acredita, está ligada a um certo "pessimismo no mercado" fruto do processo eleitoral em curso. A tabela – sem Vinho do Porto – é liderada pelos EUA, mercado que cresce 2,2% para 48,1 milhões de euros, mas com um acréscimo de 17,7% do preço médio, que subiu de 2,74 para 3,22 euros por litro.

Em termos de denominações de origem, o Vinho Verde mantém a liderança como vinho tranquilo mais exportado e está a crescer 1,3% para 58,3 milhões. O Alentejo cresce 15,9% para 50,3 milhões e o Douro cai 2,8% para 45,1 milhões de euros.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Comissão alerta para "riscos" no atraso do PRR

A Comissão Nacional de Acompanhamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) alertou ontem para a existência de "riscos" devido a atrasos no apoio do Estado à capitalização de empresas e alertou para atrasos nas metas contratualizadas.

Recebido ontem em audição pela Subcomissão Parlamentar para o Acompanhamento dos Fundos Europeus e do PRR, o presidente da referida comissão, Pedro Dominginhos, defendeu que "é fundamental uma aceleração" da execução do PRR e alertou para "algum atraso" na execução das metas contratualizadas e dos impactos desejados.

"Começam a existir algumas zonas de risco onde, sobretudo em dezembro de 2022, podem existir algumas metas que terão dificuldade de execução", disse, adiantando que "há um risco elevado" com a capitalização empresarial, designadamente através das medidas que são geridas pelo Banco do Fomento", afirmou, reforçando que é "muito crítico por não estar a chegar o dinheiro".

O presidente disse que a comissão que lidera já questionou o Banco do Fomento "sobre o porquê de não haver decisão" mas não conseguiu compreender o porquê, e lembrou que só foram anunciadas 26 candidaturas na segunda fase, um número que considera "manifestamente muito reduzido" de candidaturas para os 1300 milhões disponíveis para a capitalização estratégica.

"O Banco do Fomento tem de ir ao terreno. Tem de perceber quais são as necessidades das empresas... É o programa que está mal desenhado? É a falta de informação? Foi a pandemia? É fundamental perceber-se isso", disse.

Pedro Dominginhos fez ainda um balanço da execução do PRR, adiantando que há neste momento a contratualização dos 16 444 milhões de euros, que foram aprovados para beneficiários diretos e intermediários cerca de 8 577 milhões de euros e pagos 843 milhões de euros.

DV/LUSA

countdown to
web
summit
LISBON
2022

LURDES GRAMAXO

PARTNER DA BYND VENTURE CAPITAL
E PRESIDENTE DA INVESTORS PORTUGAL

INVESTIDORES EM *EARLY STAGE* — A MÃO INVISÍVEL DO ECOSISTEMA DE EMPREENDEDORISMO

Segundo a Startup Portugal, em 2019, as *startups* já representavam 1,1% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, e dados de um estudo da consultora Boston Consulting Group apontam que, neste mesmo ano, a economia digital já atingia os 12,7 mil milhões de euros. Já em 2021, mais mil milhões de euros foram investidos em *startups* de base tecnológica, em Portugal, segundo a plataforma DealRoom. São números impressionantes que refletem a reputação do país na área tecnológica e de inovação e a crescente atratividade de talento, capital que tornou Portugal um caso de sucesso nos *rankings* de ecossistemas emergentes e que resulta de uma estratégia dedicada ao empreendedorismo que se começou a implementar há cerca de 12 anos.

Mas este é o princípio e não o fim. Ainda nos falta experiência, dinâmica de mercado e políticas para nos podermos consolidar como um mercado maduro. E este caminho depende de todos os intervenientes deste ecossistema, não apenas dos empreendedores, nem apenas do governo.

Ao longo dos últimos anos, assistimos a grandes passos para o ecossistema de empreendedorismo, como a organização de grandes eventos do setor, a criação de condições para atrair tecnológicas de todo o mundo, a promoção de iniciativas a nível regional e nacional para a exposição das nossas *startups* em mercados internacionais, e a aceleradoras e incubadoras para geração de novos negócios. E assistimos também ao aparecimento e consolidação de uma nova classe de investidores, os investidores em *early-stage*, que acreditaram no potencial destas novas empresas de base tecnológica e tornaram possível o seu crescimento.

Estes intervenientes de quem se fala menos, sejam *business angels* ou fundos de capital de risco, foram construindo o seu caminho, seguindo um percurso de crescente profissionalização, consolidando redes de parceria com congéneres nacionais e internacionais e atraindo mais investimento privado que começou a acreditar neste ativo como uma alternativa a considerar.

Estes investidores em *early-stage* têm um grande impacto no sucesso



das *startups* que nascem em solo português, que vai além de serem uma mera fonte de financiamento.

Por um lado, servem como um filtro natural do próprio ecossistema, impulsionando aquelas que têm o que é necessário para vingar num mercado global; por outro, naquelas em que investem, contribuem decisivamente para o seu sucesso



“OS INVESTIDORES EM *EARLY-STAGE*, QUE ACREDITARAM NO POTENCIAL DESTAS NOVAS EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA E TORNARAM POSSÍVEL O SEU CRESCIMENTO.”

através de um acompanhamento próximo, mentoria, abertura de contactos estratégicos e, apoio no desenvolvimento do negócio. Contudo, apesar do seu papel essencial, nem sempre encontram as condições para eles próprios prosperarem e desenvolverem a sua atividade. Há oportunidades para fazer mais e melhor.

Por um lado, é importante promover o crescimento do investimento em *early-stage* em Portugal, através de programas de financiamento equitativos que abranjam desde os pequenos investidores individuais aos gestores de fundos de investimento de maior dimensão, valorizando o papel de todos ao longo da cadeia de valor. Neste âmbito, a criação do *Programa Semente*, que promove um regime fiscal mais favorável a investidores individuais que pretendam entrar no capital social de empresas inovadoras, foi um passo muito positivo que ainda está aquém do seu potencial. Os baixos níveis de adoção mostram que a iniciativa pode ser otimizada, com a simplificação de critérios de elegibilidade, o alargamento da tipologia de investimentos que podem ser considerados e o reforço da dotação do incentivo.

Por outro lado, as referências internacionais, que estão em fases mais avançadas de maturidade, mostram-nos também alguns exemplos de como promover a mobilização do capital privado para o investimento em *early-stage*, de forma que o capital público seja cada vez menos necessário no médio prazo, que passam pelo alargamento das fontes de financiamento, do incentivo ao investimento de fundos institucionais e fundos de pensões, e de incentivos de dedução simplificada e gradual dos investimentos realizados.

A base do ecossistema de empreendedorismo está criada e a sua importância na exposição da marca Portugal a nível internacional está comprovada. Após o ganho desta reputação, é importante conseguir mantê-la e melhorá-la, não assumindo o trabalho como terminado. É determinante que se mantenha o desenvolvimento deste ecossistema como sendo um fator estratégico para tornar Portugal uma economia mais digital, mais sustentável, mais diversa e inclusiva.



Opinião
Ana Jacinto

Certezas em tempos de incertezas

O que habitualmente seria uma maratona negocial acabou num *sprint* final na véspera da entrega do OE2023 na Assembleia da República, mas o facto de termos ouvido, a partir da sala dos Espelhos do Palácio Foz, em Lisboa, que o *sprint* foi só para chegarmos ao princípio de um longo caminho, pode dar alguma esperança.

O programa do XXIII Governo Constitucional identificou como essencial a celebração de um *Acordo de Médio Prazo de Melhoria de Rendimentos, dos Salários e da Competitividade* e, nesse sentido, as negociações com os Parceiros Sociais arrastaram-se durante meses, culminando, porém, nos últimos dias, numa negociação acelerada.

O acordo apresentado tem um âmbito temporal que vai de 2023 a 2026, num cenário macroeconómico de muita incerteza e em que todos receamos que a situação vá piorar antes mesmo de começar a melhorar, daí que me questione sobre se este será o momento para se fazer um acordo de médio prazo.

Compreendo que o objetivo seja, precisamente, o de contribuir para reduzir a instabilidade e aumentar a previsibilidade, e com esse desiderato assistimos, no passado domingo, à assinatura de um acordo de Concertação Social de médio prazo entre o governo, entidades patronais e uma central sindical, a UGT.

Em linhas gerais o acordo incide sobre aspetos absolutamente vitais para empresas e para os trabalhadores, nomeadamente aumento dos rendimentos, fiscalidade, financiamento, simplificação administrativa e custos de contexto, estas últimas questões mais dirigidas às empresas, mas, e a meu ver, muito pouco ambiciosas. Em suma, temos medidas importantes, mas insuficientes.

Estamos a pedir muito às empresas, sem se criarem as condições para que consigam corresponder ao que delas é esperado. É por essa razão que considero que devemos colocar as empresas no centro das nossas preo-

cupações, por duas razões muito simples: são elas que geram a maior parte da riqueza que é produzida no nosso país e são elas que dão emprego (e rendimento) às famílias. O nosso futuro e as nossas expectativas de bem-estar, económico e social, passam muito pelas empresas, por todas as empresas, desde a maior até à mais pequena e familiar. Não tenhamos dúvidas sobre isso.

É especialmente sobre estas últimas que recaem as minhas maiores preocupações, porque, regra geral, não são estas as que mais veem os seus lucros diminuir, mas são sobretudo estas que mais facilmente se veem numa situação em que são obrigadas a encerrar as portas.

Todos sabemos que há muitas reformas que deveriam ser empreendidas para que se crie um ambiente favorável às empresas, e o diagnóstico já está feito e há vários anos, mas se há um caminho para o crescimento económico que pode, efetivamente, ter algum impacto imediato e positivo nas empresas, na economia, é o desagravamento fiscal, mas de forma universal e linear para todas as empresas.

O Banco de Portugal já adiantou que 2023 vai trazer um desaceleramento da economia e que a inflação pode subir acima das previsões, também por isso se exigia um conjunto de medidas mais ambiciosas para as empresas, porque os impostos não podem ser vistos apenas na perspetiva financeira, devem ter também em conta os efeitos que provocam na economia. Espero que não se deixe de olhar, em cada ano, para os indicadores macroeconómicos e a partir deles introduzirem-se os ajustamentos que forem necessários.

A valorização da Concertação Social é muito bem-vinda e muito desejável, isso é uma indiscutível questão, e quero acreditar, que tenha sido tomada a melhor decisão.

Secretária-geral da AHRESP – Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal

Stella Ghervas

“Por que não uma União de Lisboa a Vladivostok? Provavelmente não com Vladimir Putin”

HISTORIADORA Depois de ter estado em Portugal já este ano para apresentar o seu livro *A Conquista da Paz*, Stella Ghervas regressa para a Conferência do Clube de Lisboa, organizada sob o mote *Rumo a uma Nova Ordem Mundial*, que se realiza na Fundação Gulbenkian amanhã e sexta-feira. Faz uma análise da crise entre Ocidente e Rússia e da coragem precisa para a paz.

ENTREVISTA LEONÍDIO PAULO FERREIRA



Até que ponto foi chocante, para si, esta guerra na Ucrânia? Foi realmente o fim de mais de sete décadas de paz na Europa, ou as guerras da Jugoslávia, as azeri-arménias ou da Geórgia já eram sinal de que a paz estava em perigo?

Foi uma mágoa. Quando recebia notícia da agressão russa, acabava de voltar de uma licença de investigação para um novo livro sobre a história do Mar Negro, em que estive a trabalhar, primeiro, nos Arquivos de São Petersburgo, na Rússia, e depois de Odessa, na Ucrânia. Mas tem razão, já podíamos ver as sementes da guerra atual naqueles primeiros conflitos. O Kremlin tinha vindo a instalar um Exército russo em cada um dos seus países vizinhos: Moldávia, Geórgia, Ucrânia. É difícil não pensar que isso fazia parte de um objetivo de longo prazo de restabelecer as fronteiras do império soviético.

Imagina ser possível uma guerra generalizada na Europa por causa da agressão russa à Ucrânia ou os mecanismos para a evitar funcionarão?

Isso dependerá, infelizmente, das inclinações de muito poucos líderes políticos. No meu livro *A Conquista da Paz*, agora traduzido para português (Edições Desassossego, 2022), mostro como as diferentes mentalidades dos líderes políticos em diferentes momentos impediram ou favoreceram a eclosão de uma guerra. No inverno de 1814-15, o czar russo Alexandre I preferiu renunciar para evitar, depois de Napoleão, uma nova guerra com outras potências europeias por causa da Polónia. Em 1945, Joseph Staline não estava na mesma disposição para o diálogo. O lema do meu livro é uma citação shakespeariana: “A paz é como uma conquista; com nobreza as duas partes se submetem, e nenhuma delas perde”. Em termos simples, o único “mecanismo” conhecido para evitar a guerra é a negociação, de modo que cada lado sinta seguranças suficientes para abandonar a sua hostilidade.

O medo da guerra nuclear é agora a melhor defesa contra uma guerra generalizada entre o Ocidente e a Rússia?

Esta questão é o equilíbrio do poder militar (ou melhor, o equilíbrio do terror) é bom para a paz? A minha resposta é enfaticamente “não”, porque o medo nunca foi um bom conselheiro: é, sempre, uma das principais motivações para iniciar uma guerra. Em cada caso, a ameaça pode ou não ser real, o que importa é que o mundo, cuja ordem política depende constantemente do medo da destruição mútua, é um sistema de guerra. Esse estado de coisas causará guerras no mundo, em vez de preveni-las, como tem acontecido quase sem interrupção, mesmo depois de 1945. Por outro lado, a paz duradoura deve basear-se na confiança mútua. Portanto, um verdadeiro sistema de paz não será estabelecido na Terra, até que os tratados de desarmamento nuclear tenham sido assinados por todos os Estados e as armas nucleares neutralizadas.

Em 1945, após a derrota da Alemanha nazista foi possível alcançar uma forma de construir relações pacíficas na Europa, mesmo com dois blocos inimigos políticos. Qual era a fórmula? Evitar a repetição dos erros de 1918-1919, no final da Primeira Guerra Mundial?

No rescaldo da Segunda Guerra Mundial, os chamados pais fundadores das comunidades europeias fizeram um grande avanço. Robert Schuman declarou em 1950: "A Europa não pode ser feita de uma só vez ou de acordo com um único plano". Em vez de um grande plano de paz (que provavelmente não teria funcionado), ele propôs um passo a passo, que mais tarde será chamado abordagem "funcional": manter o que funciona e mudar o que não funciona. A "paz" não deveria ser considerada um *statu quo*, mas algo que deve ser alcançado e mantido. É necessário abraçar a mudança o tempo todo. Após a Segunda Guerra Mundial, essa paz foi, no entanto, limitada apenas à Europa Ocidental e este era um pequeno espaço geográfico. No mundo amplo, houve uma Guerra Fria entre os EUA e a URSS, com dois exércitos, um de cada lado da *Cortina de Ferro*, sempre prontos para lutar. A Alemanha foi cortada em duas por uma fronteira interna; não esqueçamos que o Exército soviético estava estacionado apenas 700 Km de Paris. Do outro lado da divisão, havia governos fantoches e uma ocupação militar. Para os países do Leste Europeu, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria fundem-se num único período de ocupação totalitária (1939-1989) a que chamo "Guerra dos 50 Anos".

A Europa é um continente mais belicista do que outros e as últimas décadas de paz são apenas um momento excepcional?

Os europeus não são por natureza nem mais pacíficos, nem mais violentos do que outros seres humanos. Descrevo, em *À Conquista da Paz*, uma tradição europeia de paz e pacificação desde o Iluminismo do século XVIII, que sobreviveu até hoje. De facto, um autor diplomata francês, Abade de Saint-Pierre, publicou um livro em 1713, logo após a Guerra da Sucessão Espanhola, que afirmava que ter um equilíbrio de poder (entre duas alianças militares) não era um estado de paz, mas apenas uma "irégua armada". A Europa não conheceria a paz perpétua (nos termos de hoje "paz duradoura"), até que os seus Estados se agregassem numa federação. Ele até usou o termo "União Europeia", há três séculos! Nisso, ele foi profético: depois de isso ter finalmente acontecido, depois de 1950, a Europa conheceu um período excepcional de paz interior, que se estendeu a mais e mais países.

A União Europeia é o segredo dasapaz, especialmente na Europa Ocidental, construindo uma parceria entre inimigos tradicionais como França e Alemanha?

A União Europeia é uma instituição

Stella Ghervas esteve em maio em Lisboa e, na altura, foi fotografada pelo DN.



DIANA QUINTELA / GLOBAL IMAGES

política que tem contribuído para a paz na Europa. Mas o segredo dessa paz está, mais uma vez, na fórmula que Robert Schuman descreveu em 1950: "[A Europa] será construída por meio de conquistas concretas que primeiro criem uma solidariedade de facto. A união das nações da Europa requer a eliminação da antiga oposição da França e da Alemanha". Aqui vemos dois fundamentos de paz duradoura: a reconciliação de antigos inimigos e a criação de uma verdadeira solidariedade. Sem esses dois fatores, a "paz" só pode ser superficial e temporária. Muito claramente, ainda não houve reconciliação entre a Rússia e os seus países vizinhos após a Guerra Fria e, claro, isso impede a confiança e a solidariedade nas condições atuais.

Acredita que é possível construir algo semelhante de Lisboa a Vladivostok, uma espécie de tratado de paz pan-europeu, mesmo com Putin como líder russo? Ou a paz na Europa só retornará após a derrota russa e a mudança de liderança em Moscovo? Sou historiadora e não tenho uma bola de cristal para prever o futuro. Mas digo: por que não uma União de Lisboa a Vladivostok? Para a segunda parte da pergunta: provavelmente não com Vladimir Putin. Ele é um homem (não muito diferente do seu colega americano Joe Biden) que passou muito tempo na Guerra Fria e que pertence a uma geração que cresceu num contexto político em que as crianças foram ensinadas a

não gostar dos habitantes de um país inimigo. Acredito que a sua mente tenha sido formatada por velhos preconceitos imperialistas, e isso reflete-se no facto de ele questionar o direito da Ucrânia de ser um país soberano, por razões "históricas" questionáveis. Outros líderes russos, como o czar Alexandre I ou Mikhail Gorbachev, conseguiram romper com a sua estrutura ideológica e romper com o passado, mas são personagens de natureza muito diferente do atual presidente russo. Há poucos dias, por iniciativa do presidente francês Emmanuel Macron, realizou-se em Praga a primei-

"As sanções económicas são uma ferramenta de guerra. Elas são projetadas para vencer uma guerra, mas trazer a paz é algo totalmente diferente. Além disso, a História Moderna da Europa não sugere que as sanções económicas sejam particularmente eficazes contra uma potência forte."

Stella Ghervas

Professora de História Russa na Universidade de Newcastle e membro da Royal Historical Society, Stella Ghervas também está associada ao Departamento de História da Universidade de Harvard. Nascida na Moldávia, estudou na Rússia e depois na Roménia e na Suíça, e nestas últimas obteve os seus dois doutoramentos (História, em Bucareste, e Estudos Europeus, em Genebra). Os seus grandes interesses são a História Intelectual e Internacional da Europa Moderna e a História Intelectual e Marítima da Rússia. É autora de seis livros, com destaque para *Réinventer la tradition: Alexandre Stourdza et l'Europe de la Sainte Alliance* (Honoré Champion, 2008, vencedor do Prémio Guizot da Académie Française); *A Cultural History of Peace in the Age of Enlightenment*, co-editado com David Armitage (Bloomsbury Academic, 2020); e *Conquering Peace: From the Enlightenment to the European Union* (Harvard University Press, 2021), traduzido para português pela Dessassosseg com o título *À Conquista da Paz*. Stella Ghervas está a trabalhar num novo livro, com o título *Calming the Waters? A New History of the Black Sea*, e numa antologia de textos essenciais sobre a paz desde a Antiguidade até à atualidade.

ra-cimeira de uma Comunidade Política Europeia com 44 membros. A próxima reunião está prevista para daqui a seis meses na Moldávia. As fronteiras estão a mover-se para o Leste... As coisas parecerão mais brilhantes no dia em que os imperialismos forem coisa do passado. Nesse dia, a Federação Russa será incluída num sistema pan-europeu de paz e países como a Ucrânia, a Moldávia e a Geórgia serão respeitados como Estados plenamente soberanos.

Tentar negociar a paz agora será visto como sinal de vulnerabilidade para alguém como Zelensky?

Eu não acho. Ao contrário da crença comum, a paz é para os fortes e a guerra é para os fracos. É claro que as negociações diplomáticas devem continuar, mesmo em tempos de guerra aberta.

As sanções económicas resultam na mudança de comportamento da Rússia e na criação de condições para uma paz real?

As sanções económicas são uma ferramenta de guerra. Elas são projetadas para vencer uma guerra, mas trazer a paz é algo totalmente diferente. Além disso, a História moderna da Europa não sugere que as sanções económicas sejam particularmente eficazes contra uma potência forte. Um dos maiores fracassos de todos os tempos foi o Bloqueio Continental que Napoleão tentou contra a Grã-Bretanha. E na década de 1930, as sanções económicas da Liga das Nações contra a Itália após a

"Quebrar a paz é fácil: requer apenas raiva e força bruta. Restaurar a paz requer autocontrolo, diálogo, inteligência e coragem. O que mostro no meu livro é que diplomatas pacificadores às vezes são mais heroicos do que heróis de guerra."

agressão contra a Etiópia não foram particularmente eficazes.

Consegue imaginar a China como mediadora da paz na Europa, mesmo sabendo que os EUA olham para este país asiático como o futuro inimigo?

Acredito que respondeu a sua própria pergunta: se o governo chinês estivesse a intermediar a paz na Europa, seria uma intrusão. Seria preferível para a Europa que os europeus conseguissem resolver os seus próprios problemas sem intervenção externa.

Historicamente é muito mais difícil fazer a paz do que começar uma guerra?

Essa pergunta é como esta: "É mais fácil partir um vaso de porcelana ou consertá-lo?" Quebrar a paz é fácil: requer apenas raiva e força bruta. Restaurar a paz requer autocontrolo, diálogo, inteligência e coragem. O que mostro no meu livro é que diplomatas pacificadores às vezes são mais heroicos do que heróis de guerra.

Do seu livro *À Conquista da Paz*, este ano publicado em Portugal, consegue identificar uma importante lição histórica para estes dias de guerra na Europa?

Uma das lições é que somente os fortes — ou os que desejam tornar-se fortes — estabelecem alianças duradouras de paz. Seria um sinal de fraqueza para os líderes de qualquer nação moderna depositar a sua fé num Exército ofensivo ou nas virtudes "pacificadoras" das ogivas nucleares como o principal garante da sua segurança nacional. A História Moderna da Europa mostra que todos os Estados, sem exceção, que seguiram esse caminho de "grandeza" com ideologias militaristas e Exércitos ofensivos terminaram o seu percurso na terra da decadência, seja por derrota militar ou fracasso económico. Em contraste, a grandeza política tem sido repetidamente encontrada nos laços sociais de união e prosperidade económica que só a paz duradoura pode proporcionar. O objetivo do meu livro *À Conquista da Paz* é lembrar a todos que a paz duradoura em toda a Europa (e no mundo) nunca é garantida. É um objetivo de longo prazo ao qual cada um de nós deve permanecer fiel e pelo qual deve trabalhar constantemente.

leonidio.ferreira@dn.pt

Zelensky pede missão internacional na fronteira com a Bielorrússia

UCRÂNIA Além de mais meios para instalar um “escudo aéreo”, o presidente ucraniano aponta para o perigo a norte, com a criação de um destacamento militar conjunto russo-bielorrusso.

TEXTO CÉSAR AVÓ

Pelo segundo dia consecutivo a Rússia bombardeou infraestruturas de energia ucranianas, o que levou o presidente Volodymyr Zelensky a repetir o apelo para os parceiros fornecerem um “escudo aéreo”, desta vez ao grupo de países mais industrializados. Enquanto Moscovo tenta arrastar a Bielorrússia para o conflito para abrir uma nova e ampla frente, o líder ucraniano pediu uma missão internacional para monitorizar a fronteira com o país liderado por Lukashenko.

Depois de uma segunda-feira recheada de ataques que ceifaram a vida a pelo menos 19 pessoas e infligindo pânico e destruição numa dúzia de cidades — numa ação que terá custado pelo menos meio milhão de dólares em mísseis, segundo estimativas da Reuters —, os russos voltaram à carga, com os ataques a incidirem desta vez nas infraestruturas de energia da Ucrânia.

Ainda antes da reunião do G7 em que Zelensky foi convidado a participar, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros equiparou os ataques russos a crimes de guerra. “Os principais alvos dos ataques russos são as instalações energéticas. Atingiram muitos centros [anteontem] e estão a atingir os mesmos e novos

hoje [ontem]. Estes são crimes de guerra planeados com antecedência e destinados a criar condições insuportáveis para os civis, uma estratégia russa planeada há meses”, escreveu Dmytro Kuleba. Os mísseis que atingiram Lviv deixaram um terço das habitações sem energia e em Kiev as autoridades pediram para os cidadãos cortarem o consumo de eletricidade e desligarem os aparelhos à noite.

Zelensky informou ainda os chefes de Estado e de governo da Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália, Japão e Reino Unido que Moscovo encomendou a Teerão mais 2400 *drones* “kamikazes” Shahed-136, outro perigo para os céus ucranianos. Perante este cenário, o líder ucraniano disse que os russos dispõem de meios “para aumentar a escalada” e pediu aos países mais ricos para ajudarem o seu país a erguer um “escudo aéreo”, uma iniciativa que iria deixar “milhões de pessoas gratas” por ajudar a impedir ataques oriundos do céu.

Na véspera, após uma conversa entre Zelensky e o presidente norte-americano Joe Biden, este último comprometeu-se em ajudar Kiev a aumentar as defesas aéreas da Ucrânia. Na terça-feira, o porta-voz da Casa Branca disse que os

Estados Unidos vão acelerar o envio dos sistemas de defesa aérea NASAMS. John Kirby não indicou uma data concreta para a entrega de dois sistemas, embora o mês previsto fosse novembro. Outros seis ainda vão ser fabricados.

Na segunda-feira, os dirigentes ucranianos pediram aos Estados Unidos outros meios de defesa, como o sistema C-RAM, de interceção de foguetes e de morteiros, o veículo *Avenger* de defesa aérea de curto alcance, o sistema *Patriot* e sistemas israelitas, como a *Cúpula*

de Ferro. Estes dois últimos pedidos não deverão ter resposta positiva: o primeiro, porque Washington, entre outros motivos, alega que a NATO tem poucos e até agora não abriu mão a que tropas de fora da Aliança Atlântica mexam neste sistema; o segundo, porque Israel tem estado até agora numa posição de equilíbrio, não querendo afrontar Moscovo devido ao acordo não-escrito em relação à Síria. A Ucrânia pediu ainda mais *drones* de ataque e mísseis terra-ar MIM-23 Hawk.

Na reunião com os líderes do G7, Volodymyr Zelensky apelou para aqueles países apoiarem uma missão internacional na fronteira Ucrânia-Bielorrússia. Na véspera o líder bielorrusso Alexander Lukashenko acusou a Ucrânia de querer atacar Minsk e anunciou um destacamento militar conjunto com a Rússia em resposta ao que chamou de agravamento da tensão nas fronteiras do país. Lukashenko disse também que os dois países já tinham começado a juntar forças. Os líderes do G7 apelaram para Minsk não colaborar com a invasão da Rússia e disseram que o presidente russo Vladimir Putin irá ser responsabilizado pelos mais recentes ataques.

Antes da reunião do G7, o Kremlin já tinha dito que esperava que o “confronto” vai continuar com o Ocidente e o seu porta-voz Dmitri Peskov reiterou que a Rússia “alcançará os seus objetivos” na Ucrânia. Para o chefe dos Serviços de Informações do Reino Unido, é algo improvável, uma vez que Moscovo tem seguido uma “estratégia de alto risco que está a provocar erros estratégicos de avaliação”. Num discurso, Jeremy Fleming disse que os custos para a Rússia são “assombrosos” em pessoas e em equipamento. “Sabemos, e os comandantes russos no terreno sabem, que os seus abastecimentos e munições estão a esgotar-se”, afirmou.

Avia diplomática como a saída para a guerra volta a ser pedida pela Turquia. Depois de ter apelado para uma trégua “o mais rapidamente possível”, o seu líder Recep Tayyip Erdogan vai encontrar-se na quinta-feira com Putin no Cazaquistão. Ancara defende a integridade territorial da Ucrânia.

BREVES

Israel e Líbano chegam a acordo

Israel e Líbano chegaram a acordo para estabelecer uma fronteira marítima, anunciou Telavive. O “feito histórico” foi mediado pelos Estados Unidos e terá como efeito imediato desbloquear a produção de gás em alto mar para ambos os países. As negociações entre os países vizinhos, que estão tecnicamente em guerra, tinham sofrido retrocessos desde o início em 2020, mas ganharam ímpeto nas últimas semanas. O campo de gás Karish, a 80 quilómetros de Haifa, foi o principal ponto da discórdia, com Beirute a reclamar parte do mesmo e o Hezbollah a ameaçar atacar se Israel começasse a produzir. O Líbano terá abdicado deste campo — cujo gasoduto está em fase de testes — e em troca ficará com o controlo de um outro potencial campo, Qana, apesar de dividido entre ambos os países, e com Israel a receber parte das receitas futuras.

Governo suíço discrimina homens

O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem condenou a Suíça por discriminação entre viúvas e viúvos no pagamento de pensões, considerando a diferença de tratamento, baseada no sexo, contrária à Convenção Europeia dos Direitos do Homem. Com esta decisão do tribunal com sede em Estrasburgo o governo de Berna terá de emendar a legislação e a Segurança Social terá de passar a agir em conformidade. O caso foi apresentado por um cidadão helvético, Max Beeler, o qual, em 1994, perdeu a mulher, tendo deixado o emprego para criar os filhos com 1 ano e 4 anos. Quando a filha mais nova atingiu a maioria deixou de receber a pensão de viuvez. Segundo a lei suíça em vigor até agora, numa situação inversa a viúva tem direito à pensão de forma perpétua, o que configura um caso de discriminação.

A via diplomática volta a ser explorada pela Turquia, que apelou a uma trégua. Amanhã, Erdogan encontra-se com Putin.



Manifestação em Sydney, Austrália, contra os ataques russos à Ucrânia.

LAP/DAVID HIRSHBERG

cesar.av@dn.pt

emprego

**PRECISA-SE/URGENTE
MECÂNICO DE FRIJO**
SINTRA/SÃO MARCOS
TELS.: 214261313 / 917 252 326

CANALIZADOR OF 1.ª
Experiência comprovada
Entrada imediata
ÁREA DE LISBOA
☎ 214 391 189

**OFEREÇA UMA
PRIMEIRA PÁGINA**
DE ARQUIVO OU
PERSONALIZADA

E-mail: paginas@dn.pt
ou ligue 213187562

DN



[AVISO]

CONCURSO PARA RECRUTAMENTO DE UM INVESTIGADOR AUXILIAR

Encontra-se aberto, pelo prazo de trinta dias úteis a contar do dia imediato ao da publicação no *Diário da República*, concurso documental internacional para o recrutamento de um Investigador Auxiliar, em regime de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, para a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, na área científica de Biologia Marinha, ao abrigo do *Concurso Estimulo ao Emprego Científico Institucional - 2.ª Edição*. As condições de candidatura e demais requisitos encontram-se publicitados quer na BEP, quer no *Diário da República*, através do Aviso n.º 19432/2022, II Série, n.º 196, de 11 de outubro de 2022.

O Diretor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
Luís Manuel Pinto da Rocha Afonso Carriço



[AVISO]

CONCURSO PARA RECRUTAMENTO DE UM INVESTIGADOR AUXILIAR

Encontra-se aberto, pelo prazo de trinta dias úteis a contar do dia imediato ao da publicação no *Diário da República*, concurso documental internacional para o recrutamento de um Investigador Auxiliar, em regime de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, para a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, na área científica de Ecologia, ao abrigo do *Concurso Estimulo ao Emprego Científico Institucional - 2.ª Edição*. As condições de candidatura e demais requisitos encontram-se publicitados quer na BEP, quer no *Diário da República*, através do Aviso n.º 19431/2022, II Série, n.º 196, de 11 de outubro de 2022.

O Diretor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
Luís Manuel Pinto da Rocha Afonso Carriço

CONCURSO PÚBLICO

A **Embaixada do Reino da Arábia Saudita em Lisboa** torna público que pretende convidar as empresas a participar no concurso destinado as obras de operação, manutenção, jardinagens da Residência do Senhor Embaixador e da Embaixada.

Os interessados no concurso devem apresentar-se às instalações da Embaixada sitas na Av. do Restelo, 42, 1400-315 Lisboa para a aquisição do caderno de encargos contra o pagamento do valor de 100.00 euros.

NB: Data-limite para receção dos pedidos é 28 de outubro de 2022.

avisos, tribunais e conservatórias

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO E CONSTRUÇÃO MOINHO DE VENTO DO CATUJAL, CRL CONVOCATÓRIA

A pedido da Direção da Cooperativa, ao abrigo do art.º 16, alínea 3, e em conformidade com as disposições do art.º 14 dos Estatutos da Cooperativa de Habitação e Construção Moinho de Vento do Catujal, CRL, convoco V. Exa. Para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar-se no próximo dia **30.10.2022, pelas 14.30 horas**, na sede desta cooperativa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 - Apresentação, discussão e votação das contas do ano de 2021, já retificadas
- 2 - Informações diversas

Se à hora marcada não se encontrar presente o número suficiente de sócios, esta inicia-se uma hora depois, com o número de sócios presente.
Apelação, 7 de outubro de 2022

O Presidente da Mesa de Assembleia Geral
Nelson Escóvão

**CARTÓRIO NOTARIAL DE LOURES
A CARGO DA NOTÁRIA
ROSA MATOS ALVES**

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Certifico, para efeitos de publicação, que foi lavrada neste Cartório, na data dez de outubro de dois mil e vinte e dois, exarada a folhas duas, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número Trezentos e Sessenta e dois - A, uma **Escritura de justificação**, na qual **JOSÉ DOS SANTOS ALMEIDA**, contribuinte fiscal número 159 364 788, e mulher, **MARIA DO CÉU SILVA CARVALHO ALMEIDA**, contribuinte fiscal número 117 391 417, ambos naturais da freguesia de Vila Ruiva, concelho de Feros de Algodres, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, residentes na Rua 23 de Janeiro, número 123, Bairro de São José, Camará e Loures, declaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel:

Imóvel urbano, composto atualmente por moradia de dois pisos, de rés-do-chão, primeiro andar e sótão, destinado à habitação e comércio, com área total de **trezentos e dezasseis metros quadrados**, sito no Bairro de São José, Rua 23 de Janeiro, números 121 e 123 A, anterior lote 52, freguesia União das Freguesias de Camará, Unhos e Apelação, concelho de Loures, inscrito na respetiva matriz predial sob o artigo 3730, o qual provém do artigo 2550 da freguesia de Camará (extinta), que por sua vez deriva do artigo 2550 da freguesia de Camará (extinta) inscrita na segunda conservatória de Registo Predial de Loures, sob o número **MIL OITOCENTOS E NOVENTA E SEIS**, da freguesia de Camará.

Que este prédio lhes pertence por estarem eles justificados na posse do mesmo há certa de vinte e sete anos, sendo uma posse pacífica, contínua, pública e boa-fé, pelo que adquiriram o identificado imóvel por usucapião, o que invocam para justificar de direito sobre tal imóvel para fins de registo na citada Conservatória.

LoURES, 11 de outubro de 2022

A Notária
Assinatura legível

**CARTÓRIO NOTARIAL DE LOURES
A CARGO DA NOTÁRIA
ROSA MATOS ALVES**

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Certifico, para efeitos de publicação, que foi lavrada neste Cartório, na data dez de outubro de dois mil e vinte e dois, exarada a folhas dois, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número Trezentos e Sessenta e dois - A, uma **Escritura de justificação**, na qual **ADRIANA DA SILVA CUSTÓDIO CARDOSO**, contribuinte fiscal número 117 728 481, viúva, residente na Rua Pedro de Azaveda, 8100 64 C, rés-do-chão esquerdo, Marvila, Lisboa, **JORGE MANUEL CUSTÓDIO CARDOSO**, contribuinte fiscal número 188 140 120, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Maria Elisabete dos Santos Rocha Cardoso, residente na Rua Pinheiro Chagas, n.º 18, rés-do-chão, 1200-001, e **NUÑO MIGUEL CUSTÓDIO CARDOSO**, contribuinte fiscal número 224 418 835, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Carla Susana Soares Coelho Cardoso, residente na Rua da Escola, n.º 15, encarnação, Alfama, declaram que, com exclusão de outrem, são titulares e legítimos possuidores, em comum e sem determinação de parte ou direito, do **direito de cento e trinta e três anos e mil e duzentos anos indivisos** do prédio rústico sito na freguesia da União das freguesias de Santa Rita de Azeitão, São João da Talha e Bobadela, concelho de Loures, inscrito na respetiva matriz predial sob o artigo 2, da Seção 18, descrito na Segunda Conservatória de Registo Predial de Loures sob o número **DUZENTOS E OITENTA E UM**, da freguesia de Santa Rita de Azeitão.

Que o referido direito lhes pertence por estarem eles justificados na posse dele há quarenta anos, sendo uma posse pacífica, contínua, pública e de boa-fé, pelo que adquiriram o identificado direito por usucapião, o que invocam para justificar de direito de propriedade do direito sobre tal imóvel para fins de registo na citada Conservatória.

LoURES, 11 de outubro de 2022

A Notária
Assinatura legível

classificados.dn.pt

Diário de Notícias

**Procure bons negócios
no sítio certo.**



**EM PAPEL E NO DIGITAL.
QUEM PROCURA ENCONTRA.**



Diário de Notícias
O ESSENCIAL DA INFORMAÇÃO,
TODOS OS DIAS EM BANCA



EDITAL

POSTO DE ABASTECIMENTO DE COMBUSTÍVEIS

Processo n.º D-27779

Em conformidade com a disposição n.º 9 da Portaria n.º 1188/2003, de 10 de outubro, são convidadas as entidades singulares ou coletivas a apresentar, por escrito, a esta Direção-Geral, sita na Av.º 5 de Outubro, 208 (Edifício Sta. Maria), 1069-203 Lisboa, dentro do prazo de 20 dias, a contar da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida pela entidade abaixo indicada, nos termos do Decreto-Lei n.º 257/2002, de 26 de novembro, com a redação conferida pelo Decreto-Lei n.º 217/2012, de 9 de outubro, conjugado com o Decreto-Lei n.º 130/2014, de 29 de agosto, na redação conferida pelo Decreto-Lei n.º 69/2018, de 27 de agosto, podendo para o efeito examinar o respetivo processo.

Entidade: PETROGAL, S.A.

Localização da instalação:

Morada: Porto de pesca - Doca dos pescadores (molhe poente)

Localidade: Setúbal

Freguesia: União das Freguesias de Setúbal

Concelho: Setúbal

Distrito: Setúbal

Finalidade: Venda

Diretor de Serviços de Combustíveis

Carlos Oliveira

Por subdelegação de poderes - Despacho n.º 9258/2019

Publicado no DR, II Série, n.º 19, de 14/10/2019



Desta vez Mbappé foi um tormento para António Silva, que teve um jogo abaixo do que tem mostrado desde que chegou ao onze.

Apuramento adiado nos 11 metros. Benfica empata e sai invicto de Paris

LIGA DOS CAMPEÕES Encarnados empataram com o PSG (1-1) em Paris. Ambos os golos foram marcados de grande penalidade. Vitória frente à Juventus, na Luz, dará lugar nos oitavos de final.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

No Parque dos Príncipes, em Paris, repetiu-se o empate da semana passada no Estádio da Luz (1-1). Com a derrota da Juventus em Israel, diante do Maccabi Haifa (0-2), PSG e Benfica sabiam que bastava vencerem para se apurarem para os oitavos de final, mas, mais uma vez, as duas equipas anularam-se e adiaram as decisões para a próxima jornada (*ver quadro*). Encarnados continuam invictos na temporada, após 17 jogos (14 vitórias e três empates).

Paris acordou ontem atordoado com as notícias do descontentamento de Kylian Mbappé, que terá informado o PSG da vontade de sair do clube em janeiro – cinco meses depois de renovar até 2024 e passar a ser o mais bem pago do mundo. Um dos motivos é sentir-se frustrado por não render tanto a jogar como avançado-centro (em vez de descaído para a ala esquer-

da)... precisamente a posição em que ontem foi utilizado por Christophe Galtier. Mesmo sem o lesionado Lionel Messi, o técnico apostou em manter a tática – jogou Sarabia – em vez de fazer a vontade e deslocar Mbappé para a esquerda. Algo que ele foi fazendo durante o jogo e de forma natural, criando desequilíbrios.

O primeiro quarto de hora do jogo foi muito disputado a meio-campo, com ambas as equipas a anularem-se mutuamente, como se de um jogo de xadrez se tratasse, num tabuleiro onde Enzo e Florentino olhavam nos olhos de Verratti e Vitorinha. Mas quando os franceses descobriram espaço entre Bah e António Silva tudo mudou. Aos 38 minutos, o jovem central do Benfica chegou tarde ao lance e carregou sobre Bernat na área, oferecendo assim de mão-beijada a possibilidade para Mbappé adiantar o PSG e se tomaro melhor mar-

cador da equipa na prova (37 golos).

O golo parisiense não apagou a personalidade das *águlas*, mas o efeito surpresa da aposta em Fredrik Aursnes na ala – Roger Schmidt alterou o onze pela primeira vez nesta Champions – ia-se desvanecendo e Rafa só conseguiu aparecer no final da primeira parte para mostrar que a velocidade po-

Jogo com a Juventus (dia 25) pode valer apuramento. Antes, os encarnados jogam com o Caldas (Taça de Portugal) e com o FC Porto (I Liga).

dia ser uma arma para o segundo tempo.

Outra vez os 11 metros...

A perder por um golo em Paris, os encarnados voltaram mais atrevidos e ousados para a segunda parte na procura do empate. E foi o que aconteceu, já depois de Mbappé dar a sensação de golo, com um remate em arco a fazer lembrar aquele com que Messi marcou na Luz há uma semana. Verratti pisou a Rafa na área e João Mário foi à marca dos 11 metros enganar Donnarumma na perfeição e fazer o 1-1. O médio é o marcador oficial de penáltis da equipa encarnada e já tem tantos golos esta época como no total das duas últimas (seis).

Schmidt percebeu que Bah estava em dia não (além de António Silva, que ontem levou 'baile' de Mbappé) e substituiu-o por Gilberto, mas o jogo pelo corredor direito

ESTÁDIO PARQUE DOS PRÍNCIPES (PARIS)
ÁRBITRO MICHAEL OLIVER (INGLÂTERRA)

PSG	BENFICA
1	1
DONNARUMMA	VLACHODIMOS
SERGIO RAMOS	ALEXANDER BAR (63')
MARQUINHOS	ANTÓNIO SILVA
DANILO PEREIRA	OTAMENDI
ACHRAF HAKIMI	GRIMALDO
VITINHA (85')	FLORENTINO LUIS (77')
MARCO VERRATTI	FREDRIK AURSNE
JUAN BERNAT (85')	JOÃO MÁRIO (90'+3')
PAULO SARBIA (74')	ENZO FERNÁNDEZ
NEYMAR	RAFA SILVA (77')
KYLIAN MBAPPÉ (90')	GONÇALO RAMOS (77')
TREINADOR	TREINADOR
CHRISTOPHE GALTIER	ROGER SCHMIDT
SUBSTITUIÇÕES	SUBSTITUIÇÕES
EXITOKE (74')	GILBERTO (63')
MUKIELE (85')	RODRIGO PINHO (77')
FABIAN RUIZ (85')	DRAXLER (77')
CARLOS SOLER (90')	DIOGO GONÇALVES (77')
	CHICHARRO (90'+3')

GOLos: KYLIAN MBAPPÉ (40' G.P.), JOÃO MÁRIO (62' G.P.)
CARTÕES AMARELOS: OTAMENDI (21'), SARBIA (29'), JOÃO MÁRIO (43'), FLORENTINO (45'+3'), VERRATTI (61'), ENZO (69'), GILBERTO (83')

GRUPO E

Dinamo Zagreb-RB Salzburgo 1-1
AC Milan-Chelsea 0-2

GRUPO F

Celtic-RB Leipzig 0-2
Shakhtar Donetsk-Real Madrid 1-1

GRUPO G

Copenhaga-Manchester City 0-0
Borussia Dortmund-Sevilha 1-1

GRUPO H

	P	J	G
1. Paris SG	8	4	7-4
2. BENFICA	8	4	6-3
3. Juventus	3	4	5-7
4. Maccabi Haifa	3	4	4-8

Paris SG-Benfica 1-1
Maccabi Haifa-Juventus 2-0

continuou sem fluir. Do outro lado o *cérebro* Vitorinha não pensava o jogo com a mesma clareza e o Paris SG vivia dos rasgos de Neymar e Mbappé (que teve um golo anulado por fora de jogo, perto dos 90 minutos).

E assim o empate persistiu e deixou ambos perto do apuramento para os oitavos. Na próxima jornada, ganhando à Juventus, o Benfica qualifica-se, podendo o empate chegar, desde que o Maccabi Haifa não vença o Paris SG.

isaura.almeida@dn.pt



Sérgio Conceição e Rúben Amorim tentam esta noite marcar uma posição forte na Champions.



Conceição promete luta. Amorim quer menos erros

CHAMPIONS O treinador do FC Porto assume que um bom resultado em Leverkusen "é fundamental". O técnico do Sporting diz que a receção ao Marselha é oportunidade para mostrar que a equipa aprendeu a lição.

TEXTO ISaura ALMEIDA E Carlos NOGUEIRA

FC Porto e Sporting têm esta noite (20.00 horas) jogos importantes para definir o futuro europeu. Os dragões visitam o Bayer Leverkusen com a necessidade de corrigir a entrada em falso (duas derrotas nas duas primeiras rondas) na Liga dos Campeões, sendo que um triunfo relançará a equipa de Sérgio Conceição na luta pelo apuramento. Em Alvalade, o Sporting recebe o Marselha sabendo que, em caso de triunfo, garantirá, desde logo, a continuidade via Liga Europa, mas, melhor do que isso, colocar-se-á numa excelente posição para seguir para os oitavos-de-final da Champions.

Sérgio Conceição assumiu que "é fundamental" para o FC Porto ter um bom resultado, sendo que "ganhar será importante". "Os primeiros jogos são muito equilibrados", acrescentou. O facto de o Bayer Leverkusen ter um novo treinador — o espanhol Xabi Alonso — não parece tirar o sono ao treinador portista, afinal "os jogadores são os mesmos e apenas numa ou noutra nuance estão diferentes", destacando que o 15.º classificado da Bundesliga continua "consistente no setor intermédio" e, "na frente, aqueles homens atacam sempre na profundidade".

Apesar de reconhecer qualidade ao adversário, Conceição deixou uma certeza: "Vamos lutar até à exaustão para respeitar a história do FC Porto."

Para esta partida, os dragões não vão poder contar com Pepe, que

está a recuperar de lesão, mas o técnico portista garante que "todos os jogadores têm de estar prontos para este tipo de jogos". Ainda assim reconheceu que esta ausência "deixa a equipa fragilizada pelo papel que tem dentro e fora das quatro linhas".

Amorim quer dominar

Rúben Amorim acredita que o Sporting aprendeu com os erros de há uma semana (derrota 1-4), no estádio Vélodrome, e apela à concentração para vencer o Marselha.

"Os nossos jogadores têm bastante talento, aprendemos bastante com os erros em Marselha e nos

Açores [com o Santa Clara]. Quando nos relaxamos na Liga dos Campeões, o jogo pode acabar em nove minutos. E foi o que aconteceu em França. Estamos sempre a aprender e a segunda parte como o Santa Clara ajudou-nos a perceber que temos de estar no máximo em qualquer jogo", argumentou o treinador leonino, em jeito de aviso.

"Estamos na luta e queremos alcançar os três pontos", disse, assumindo que espera "um estádio cheio, com barulho".

Sobre a estratégia a utilizar, Amorim deixa um alerta: "Temos de estar muito concentrados, pois vamos de frente uma grande equipa, que somos capazes de vencer, disso não tenho dúvidas". Nesse sentido, quer que a sua equipa seja "dominadora e ter bola". "Se não conseguimos, é porque alguém nos obrigou a jogar mais atrás. Temos de crescer, como equipa, e manter a ideia de equipa grande em qualquer jogo", justificou.

Quanto ao onze, Rúben Amorim sabe que não pode contar com o guarda-redes Anónio Adán, por castigo, e assume que irá lançar o uruguaio Franco Israel, que "não é tão experiente", mas sobre quem tem "confiança máxima". O defesa St. Juste e o avançado Jovane Cabral são baixas por lesão.

Do lado do Marselha, o lateral Nuno Tavares voltou a queixar-se da reação do banco do Sporting no jogo da semana passada e apontou o dedo ao treinador: "Perdi o respeito que tinha pelo Rúben Amorim."

isaura.almeida@dn.pt
carlos.nogueira@dn.pt

GRUPO B

	P	J	G
1. Club Brugge	9	3	7-0
2. FC Porto	3	3	3-6
3. B. Leverkusen	3	3	2-3
4. At. Madrid	3	3	2-5

At. Madrid-Club Brugge	17.45
B. Leverkusen- FC Porto	20.00

GRUPO D

	P	J	G
1. Sporting	6	3	6-4
2. Tottenham	4	3	2-2
3. Eint. Frankfurt	4	3	1-3
4. Marselha	3	3	4-4

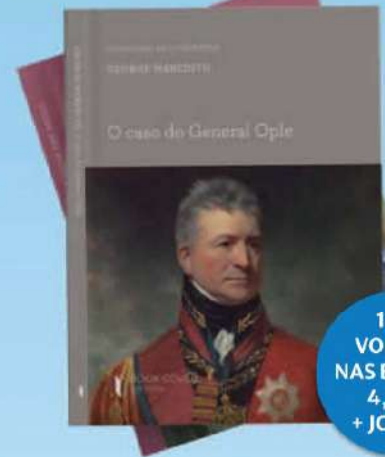
Tottenham-Eintracht Frankfurt	20.00
Sporting -Marselha	20.00

Diário de Notícias

Essenciais da Literatura Estrangeira III

15 grandes obras essenciais

ÀS SEXTAS COM ODN



10.º VOLUME NAS BANCAS 4,95€ + JORNAL



OS LIVROS PERMANECERÃO À VENDITA EM BANCADA DURANTE DUAS SEMANAS.
Para para qualquer encomenda: apolicianta@noticiasdn.pt | Linha de Apoio: 219 749 919 | Dias úteis, das 8h00 às 18h00
Coleção composta por 15 livros, distribuídos em bancadas sextas com o DN, de 5 de agosto a 11 de novembro de 2022.
PVP unitário: 4,95€ cont. (IVA incluído) - DN. PVP da coleção: 74,25€ cont. (IVA incluído) + 15DN.
Venda limitada ao stock existente.

Nayola. Animação portuguesa a maravilhar Londres

FESTIVAL A gloriosa longa-metragem portuguesa *Nayola* foi uma das sensações do BFI London Film Festival, nas salas de Londres e Inglaterra até ao próximo fim de semana. Consagração para José Miguel Ribeiro num festival onde atores como Eddie Redmayne, Jennifer Lawrence e Emma Corrin apresentaram as credenciais para a temporada pré-Óscares.

TEXTO RUI PEDRO TENDINHA, EM LONDRES

O que esperar do London Film Festival, uma organização do British Film Institute? Um festival que, na Europa, ganha peso na imprensa internacional com antestreias mundiais? Ou um evento que é sobretudo uma amostra do novo cinema inglês? Na verdade, um pouco disto tudo numa edição que aproveitou bem o engarrafamento dos filmes da temporada dos prémios e não deixou de apoiar as mulheres iranianas, tendo ainda conseguido consagrar dois filmes portugueses.

Dois filmes que não deixam de refletir um ano dourado do nosso cinema nos melhores festivais internacionais. Em Londres, *Nayola*, a longa de animação de José Miguel Ribeiro, foi dos objetos mais belos para descobrir, mesmo sem a chance de "estreia mundial" – o Festival de Annecy já se tinha antecipado. Depois, um documentário que é mais do que isso: *Onde Fica esta Rua ou Sem Antes nem Depois*, de João Pedro Rodrigues e Guerra da Mata, evocação ao memorial de *Verdes Anos*, de Paulo Rocha.

Nayola, projeto que parte de uma história de Mia Couto e José Agualusa, é uma história angolana. Uma narrativa em dois tempos: a história de *Nayola*, ainda no fim da guerra civil em terreno de combate a tentar encontrar o marido guerrilheiro desaparecido. Ao mesmo tempo, anos mais tarde, já depois da guerra, seguimos outro segmento e acompanhamos a sua filha em Luanda, uma jovem rebelde que usa o *Hip-Hop* como arma de subversão para uma reivindicação contra o poder atual.

O realizador da curta *A Suspeita* consegue agora um marco na animação nacional. Uma reflexão sobre os traumas de uma guerra que carregou fantasmas da morte num povo e que aqui tem balada de realismo mágico evocada com uma estética de desenho pensada para um público adulto e com o peso da catarse. *Nayola* é tão mais fascinante quando nos prova que esta estética de desenho está mais perto da excelência das artes plásticas.

Quanto ao filme da dupla Guerra da Mata/Rodrigues, passou na secção *Create*, onde se aposta num cinema de autor mais radical. Um objeto aberto a muitas interpretações,

Nayola, uma dor angolana com uma pintura digna de um novíssimo sistema estelar.



mas sobretudo uma carta de desejo e nostalgia a duas Lisboas, a velha e a nova. Tão *queer* como insolente, é um filme marcado pela presença feliz de Isabel Ruth, precisamente o rosto marcado de *Verdes Anos*...

Nos corredores do Southbank eram muitos os que se queixavam da abundância de filmes das plataformas. O Festival de Londres não tem pruridos e deu tapete vermelho às maiores apostas da Apple, Netflix e Prime Vídeo – é aí que está o verdadeiro dinheiro. O destaque foi para *O Enfermeiro da Noite*, de Tobias Lindholm, thriller com Jessica Chastain e Eddie Redmayne, belíssima surpresa a recriar um caso verdadeiro de um enfermeiro psicopata que terá assassinado mais de 400 pacientes entre os anos 90 e 2003.

Um caso de tensão refinada, filmado com um livro de estilo repleto de nuances que reconfiguram o prazer do grande plano no grande ecrã – ironia das ironias, em Portugal só estará disponível na Netflix. Eddie Redmayne, o enfermeiro do título, tem uma interpretação daquelas para a História – dificilmente ficará de fora da temporada dos prémios.

Também da Netflix, outro dos bons filmes em antestreia mundial,

Lady Chatterley's Lover, de Laure de Clermont-Tonnerre, adaptação segura e confiante do romance de D. H. Lawrence, com sexo explícito sim, mas uma luz positiva em torno de um caso de adultério na província inglesa. Uma fábula sobre o desejo feminino e um feroz manguito ao patriarcado institucionalizado. E tem ainda uma atriz capaz dos mais

indelévels milagres, Emma Corrin.

Obviamente, por estes dias, qualquer filme com discurso feminista e realizado por uma mulher tem a vida facilitada nos festivais e Londres não é exceção. O mesmo aconteceu com outros dois filmes com muito *hype* neofeminista: *Nanny*, de Nikyatu Jusu, e *Women Talking*, de Sarah Polley.

O primeiro vinha com fama de ter vencido Sundance e é uma história de terror com "temas" (das questões de raça à emigração africana nos EUA), mas não aquece nem arrefece. *Women Talking* é quem desilude a sério, sobretudo por não sobreviver ao *hype* que a Universal criou de filme de prestígio com damas de prestígio (de Frances McDormand a Jessie Buckley, passando por Rooney Mara e Claire Foy). Uma história de denúncia de violações e violência a mulheres numa comunidade religiosa no meio do nada na América. São quase duas horas de dor feminina, num só décor, com testemunhos previsíveis e aborrecidos. Uma sensação de vazio que provocou gargalhadas involuntárias mercê de diálogos fora do tom...

Da Apple +, depois de CODA,

mais um original a pensar nos Óscares, o bem estimável *Causeway*, de Lila Neugebauer, produzido e interpretado por Jennifer Lawrence, na pele de uma jovem veterana da Guerra do Afeganistão a regressar a casa após uma explosão que a deixou abalada. Um registo sóbrio e intimista para aquela que é a maior estrela da sua geração, aqui a tentar ganhar credibilidade num filme que faz vénia a *O Regresso dos Heróis*, de Hal Ashby. Não merece passar despercebido quando chegara o *streaming* já no começo de novembro.

Trish Tuttle, a diretora do festival, não se cansa de elogiar *Onde Fica esta Rua ou Sem Antes nem Depois*, mas quando fala ao DN numa recepção ao novo talento britânico, puxa a brasa à sua sardinha: "Foi um ano muito forte do cinema britânico e conseguimos escolher filmes muito interessantes e provocadores, em parte devido a este mundo disruptivo e louco em que todos vivemos. E, claro, umas das tendências deste ano foram os filmes realizados por mulheres".

O cinema de intervenção feminista marchou na margem sul do Tâmega.

dnct@dn.pt



Vahe Mkhitarian e Lusine Brutyan mostram capa e contracapa da edição arménia de *Mensagem*, mas livro ainda está em Ierevan.

Primeira tradução para arménio de *Mensagem* de Fernando Pessoa

LITERATURA Associação de Amizade Portugal-Arménia promoveu primeira edição de sempre de um livro de um autor português para arménio, língua de um país no outro extremo da Europa.

TEXTO LEONÍDIO PAULO FERREIRA

Vahe Mkhitarian, o presidente da Associação de Amizade Portugal-Arménia, e Lusine Brutyan, não escondem a vontade de sentir finalmente nas mãos a edição em arménio de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, que está já a ser impressa em Ierevan, a capital da Arménia. "Esta é a primeira tradução completa, de um livro inteiro, de um autor português para a língua arménia, garante Mkhitarian. 'Antes só uns poemas soltos, também de Pessoa', acrescenta Brutyan. A conversa, num café lisboeta, é em português, pois o presidente da Associação de Amizade há mais de duas décadas vive em Portugal e a tradutora já há cinco anos fez como opção de vida este país tão longe do seu, situado no outro extremo da Europa.

"Formei-me em tradução em Ierevan. Depois estudei português a ver a televisão, através da internet, e com a ajuda de recursos que encontrei também na in-

ternet. De início, eram em português do Brasil, mas depois consegui estudar português de Portugal. E ao fim de dois meses já era capaz de escrever a carta a pedir a bolsa à Fundação Gulbenkian", explica Brutyan, de 35 anos, que chegou com um conhecimento B2 e depois aperfeiçoou o português na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A bolsa foi-lhe atribuída pelo Serviço das Comunidades Arménias da Gulbenkian, fundação que tem o nome de um magnata arménio do petróleo que viveu os últimos anos em Portugal mas não esqueceu nunca o seu povo.

Pessoa foi uma escolha lógica, "como seriam Eça de Queirós ou José Saramago", explica Mkhitarian, pois desde a criação em 2016 da Associação de Amizade havia intenção de traduzir grandes nomes da Literatura Portuguesa para arménio e vice-versa. Falava, porém, quem. A hipótese de se encontrar um tradutor na numerosa comunidade arménia



O passo seguinte é traduzir grandes nomes da Literatura Arménia para português, e há várias figuras de renome, como Hovhannes Tumayan, que viveu entre 1869 e 1923, em boa parte, pois, contemporâneo de Fernando Pessoa.

no Brasil chegou a ser equacionada, mas um encontro de Mkhitarian com Brutyan em Ierevan mudou tudo. "Numa ida minha à Arménia, a Lusine contactou comigo e mostrou-me o seu *Guia de Conversação Português-Arménio*, ainda por editar, e disse-me que ia viver em Portugal. Percebi logo que estava ali uma pessoa-chave para o nosso projeto", explica Mkhitarian, que é economista de formação e trabalha nos serviços centrais da Fundação Gulbenkian.

A escolha de *Mensagem*, livro de Pessoa editado em 1934, um ano antes da morte do poeta, aos 47 anos, foi de Brutyan, hoje também membro da Associação de Amizade. "Uma tradução tem também de ser feita com o coração, por isso a tradutora tinha de sentir uma relação com a obra a traduzir", diz Mkhitarian.

E Brutyan confirma que desde que começou a aprender português e que decidiu vir para Portugal leu muito sobre o país, tam-

bém sobre os seus escritores e Pessoa conquistou-a.

Quanto à dificuldade natural de verter o pensamento de um português, a tradutora confessa não a ter sentido muito, pois "há muito em comum entre portugueses e arménios, têm uma sensibilidade semelhante, até existe nas duas línguas palavra para exprimir saudade, *karót* em arménio".

Mkhitarian interveio para acrescentar que no seu último concerto em Lisboa, o nonagenário Charles Aznavour, francês mas arménio de origem, conversou com o público sobre a correspondência entre saudade e *karót*. "A vossa saudade é da distância, porque chegaram a ter um império enorme, e os portugueses iam para todo o mundo. O nosso *karót* é a ausência de um território, saudade de uma terra que nos foi tirada", nota o presidente da Associação de Amizade, referindo-se ao passado da Arménia, país que coexistiu com o Império Romano (foi o primeiro reino cristão do mundo) e que chegou a estender-se por vastas áreas da península da Anatólia, mas hoje é um pequeno Estado, na Transcaucásia, independente desde 1991, quando a União Soviética se desintegrou. O Monte Ararat, símbolo nacional e que faz parte da paisagem de Ierevan, fica, porém, do outro lado da fronteira com a moderna República da Turquia.

Mas se são só três milhões os arménios na sua república, a diáspora é grande, sete milhões (gente como a família Aznavourian, o apelido do célebre cantor antes do afrancesamento), muito espalhada, mas em regra ligada à noção de pátria e de defesa da língua e cultura nacionais, como mostra a atividade da associação em Portugal a que Mkhitarian preside.

Já impresso pela EditPrint, mas não à venda ainda, a edição arménia de *Mensagem* (*Patgám*) deverá ter lançamento em Ierevan e Lisboa, diz Mkhitarian, que aproveita também para agradecer às entidades patrocinadoras (Direção-geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, Instituto Camões e Fundação Calouste Gulbenkian), assim como a Clara Riso, diretora da Casa Fernando Pessoa, autora do prefácio, e a Mário Linhares, "um grande ilustrador que muito ajudou a dignificar este livro".

A Associação de Amizade Portugal-Arménia tem já planos para nova tradução, também por Brutyan, com um dos livros de Saramago, Nobel da Literatura em 1998, a ser forte possibilidade. O passo seguinte é traduzir grandes nomes da Literatura Arménia para português, e há várias figuras de renome, como Hovhannes Tumayan, que viveu entre 1869 e 1923, em boa parte, pois, contemporâneo de Fernando Pessoa.

leonidio.ferreira@dn.pt

Lansbury em 2016, durante a exibição de *A Bela e o Monstro*.

Morreu Angela Lansbury, Jessica Fletcher na série americana *Crime, disse ela*

ÓBITO Atriz britânica morreu a cinco dias do seu 97.º aniversário. Venceu um Óscar honorário em 2013.

TEXTO DAVID PEREIRA

Morreu a atriz britânica Angela Lansbury, que se tornou mais conhecida pelo seu papel como a detetive-escritora Jessica Fletcher na série criminal norte-americana *Crime, disse ela*, informou ontem a família. A artista tinha 96 anos.

"Os filhos de *Dame* Angela Lansbury têm a triste missão de anunciar que a sua mãe morreu pacificamente enquanto dormia na sua casa em Los Angeles... apenas cinco dias antes do seu 97.º aniversário", refere um comunicado citado pela imprensa norte-americana.

Angela Lansbury ganhou cinco Tony Awards, pelos seus papéis nos musicais *Mame* (1966), *Dear World* (1969), *Gypsy* (1975) e *Sweeney Todd* (1979), e alcançou os recordes de mais nomeações aos Globos de Ouro, de mais prémios de melhor atriz em séries dramáticas e de mais nomeações de atriz principal em séries dramáticas aos Emmys.

Também esteve nomeada para três Óscares, tendo recebido um prémio honorário em 2013. Numa carreira de quase sete décadas, apareceu em cerca de 60 filmes.

Além de *Crime, disse ela*, série que a catapultou para o estrelato quando já tinha quase 60 anos e que foi exibida na televisão norte-americana entre 1984 e 1996 e mais tarde exportada para dezenas de países (incluindo Portugal – hoje, a série passa na Fox Crime), a atriz também era conhecida pelos seus papéis nos filmes da Disney *Se a minha cama voasse* e *A Bela e o Monstro* (por dobrar Mrs Potts).

Mas *Crime, disse ela* foi mesmo o papel que lhe ficou para sempre colado. "Fiquei surpreendida, em quase todo o mundo conheciam Jessica Fletcher. Trataram-me como

uma Estrela do *Rock*", afirmou Lansbury em 2016, acerca da série que chegou aos 264 episódios, lhe rendeu quatro dos seus seis Globos de Ouro, além de uma cachê que chegou a 300 mil dólares por episódio, um valor elevado para a época.

Em 2017, a atriz manifestou mesmo o desejo de interpretar Jessica Fletcher "só mais uma vez", o que não veio a acontecer.

Ao longo da carreira, Lansbury interpretou por várias vezes papéis mais velhos do que a sua idade real. Em 1948, quando tinha apenas 23 anos, pintou parte do cabelo de branco para protagonizar o papel de uma editora de jornal na casa dos quarenta anos em *Estado da União*. "Eu estava a interpretar papéis mais velhos quando ainda era muito jovem porque não tinha uma beleza de grande ecrã. Sou uma atriz de personagens", afirmou à rádio BBC em 2014.

Lansbury nasceu em Londres a 16 de outubro de 1925, no seio de uma família de polígrafos e atores. O seu avô, George Lansbury, foi líder do Partido Trabalhista britânico na década de 1930, e a mãe, Moyna Macgill, era uma atriz irlandesa.

Em 1940 emigrou com a mãe, já viúva, para os EUA, onde estudou representação em Nova Iorque. Aos 17 anos, iniciou a carreira no cinema, ao interpretar a empregada conivente Nancy no *thriller Gaslight* (1944), um papel que lhe rendeu uma nomeação ao Óscar de melhor atriz secundária e a levou a um contrato de sete com a MGM studios. Dois anos depois, recebeu mais uma nomeação para um Óscar, pelo seu papel em *O Retrato de Dorian Gray*. A terceira indicação surgiu em 1963, pelo seu papel em *O Candidato da Manchúria*.

david.pereira@dn.pt



Opinião Ana Paula Laborinho

Um brilhinho nos olhos

Nestes tempos sombrios que se sucedem – da pandemia à guerra e à crise económica –, a música tem ocupado um lugar de claridade que nos deixa "um brilhinho nos olhos". Recordamos os concertos que chegaram por todas as vias durante a pandemia (desde os palcos virtuais às partilhas entre vizinhos nos mais inusitados lugares). Muitos de nós (e eu também) temos uma canção que nos chega em momentos de aflição ou desânimo, talvez outras para a alegria. Este verão assistimos às enchentes dos festivais de música pelo país inteiro, depois de dois anos de doloroso confinamento, em particular para os profissionais da música, que passaram por muitas dificuldades. O público de todas as idades sentia falta desse contacto que os meios virtuais não conseguem substituir. Ainda estamos recordados da emoção que rodeou a vinda a Portugal dos Coldplay, com os bilhetes quase esgotados em menos de um dia, quatro concertos em Coimbra que só acontecerão no próximo ano.

Estas grandes bandas têm, como sabemos, estruturas de promoção muito profissionais e de longo alcance, que permitem estruturar as digressões com muito tempo de antecedência. Nada a apontar! O mesmo não acontece com outros artistas que, nos últimos dois anos, viram desestruturadas as suas redes e têm agora ainda maior dificuldade em aceder aos espaços e públicos.

Na próxima semana, Portugal acolhe pela segunda vez a maior feira internacional de música, *Womex – Worldwide Music Expo*, a decorrer em Lisboa de 19 a 23 de outubro, que reunirá mais de dois mil e quinhentos programadores, produtores e jornalistas para ouvir artistas de todo o mundo.

Esta semana decorre também a 8ª edição de *EXIB Música*, uma mostra de música ibero-americana que a cidade de Setúbal

acolhe pela terceira vez e tem o mesmo propósito de reunir diferentes profissionais para promover a música independente. No caso de *EXIB Música*, concorreram mais de 400 projetos tendo sido selecionados por um júri internacional 22 projetos de nove países da América Latina, Espanha e Portugal. A qualidade dos projetos tomou muito difícil a escolha.

Não é demais salientar o potencial das indústrias culturais e criativas que contribuem com 6,1% para a economia mundial e geram quase 30 milhões de empregos, sendo o setor com mais pessoas entre os 15 e os 29 anos. Na América Latina e Caribe, representa entre 2% e 6%, empregando quase 2 milhões de pessoas.

Num tempo em que é preciso, cada vez mais, explorar setores económicos sustentáveis, a criatividade é um recurso renovável desde que o possamos apoiar e desenvolver. Reconhecendo os desastrosos efeitos da pandemia num setor promissor e em grande crescimento, as Nações Unidas declararam 2021 *Ano Internacional da Economia Criativa para o Desenvolvimento*.

“As artes têm ainda uma outra dimensão que é preciso agregar como valor: a transformação dos territórios. Quantos lugares se transformaram através de equipamentos culturais ou festivais que lhes estão associados?”

to *Sustentável*. Como forma de sublinhar o seu impacto na recuperação económica, coube à Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) liderar as ações e insistir na ideia de que a criatividade é a indústria de amanhã.

Há muitas vezes uma rejeição deste reconhecimento da dimensão económica das artes, que gosto de sublinhar para sairmos do beco em que muitas vezes se quer encurralar a Cultura como despesa, ignorando a importância de um investimento que é reprodutivo e renovável. As artes têm ainda uma outra dimensão que é preciso agregar como valor: a transformação dos territórios. Quantos lugares se transformaram através de equipamentos culturais ou festivais que lhes estão associados? Desde a Casa da Música no Porto, ao velho Festival de Vilar de Mouros ou aos Festivais de Paredes de Coura, da Zambujeira do Mar ou Músicas do Mundo de Sines. Recordo como algumas populações desses lugares do interior lamentavam a suspensão destes festivais que lhes traziam, claro, muito barulho e alguma confusão, mas também animação e comércio.

É, por isso, promotor de que Setúbal possa acolher a *Capital Ibero-americana da Música*, tornando-se um centro de mostra artística, em particular para toda a Europa. Também por essa razão a *Conferência Música e Cidade*, promovida pela EXIB, que decorrerá a 13 e 14 de outubro, permitirá um importante debate que reúne diferentes comunidades – dos cidadãos aos artistas e produtores, aos decisores públicos – “com a cultura e a música como águas transformadoras” de novas formas de habitar. A música pode salvar e até descobrir um brilhinho nos olhos.

Diretora em Portugal da Organização de Estados Ibero-Americanos



Este smart está envolto no ADN e herança de design da Mercedes-Benz, embora a estética não deixe de ser revolucionária.



A posição de condução é elevada, como convém num SUV tendencialmente urbano.



Por dentro, o ambiente é bastante jovial e cuidado.

A idade da irreverência para o novo smart #1

SUV O maior de todos os smart alguma vez produzidos marca arranque de uma nova fase. Aventurando-se na filosofia SUV, o smart #1 aposta na irreverência e nas novas competências de conectividade e tecnologia para se destacar, não faltando até uma versão Brabus com 428 CV de potência. As pré-encomendas abrem agora, com as entregas previstas para a primeira metade de 2023 e preços a partir dos 40 950€.

TEXTO PEDRO JUNCEIRO

Na era das redes sociais e da partilha imediata de vídeos e imagens, a smart surge de "cara lavada" para a idade da irreverência. O símbolo # (*hashtag*, em alusão às redes sociais) associa-se ao algarismo 1 para o simbolismo de entrada numa nova fase da smart, agora como marca independente depois de ter sido firmada uma *joint-venture* entre a Mercedes-Benz e a chinesa Geely. Pode assumir-se também que o #1 é o primeiro de uma nova leva de automóveis a serem lançados pela smart nos próximos anos. Como não poderia deixar de ser, o primeiro esforço teria de seguir a tendência dos SUV que é cada vez mais predominante mundialmente.

O novo smart beneficia então do conhecimento e experiência em mobilidade elétrica da Geely, envolto no ADN e herança de design da Mercedes-Benz, embora a

estética deste #1 não deixe de ser revolucionária, a começar pela postura SUV com a maior altura ao solo e jantes de grandes dimensões (19 polegadas), mas também pelas muitas superfícies arredondadas que, tipicamente na era dos elétricos, obedece às necessidades da aerodinâmica.

Outro exemplo dessa mesma dependência está nos puxados retráteis das portas. A iluminação exterior fica a cargo da tecnologia LED (podendo mesmo receber sistema Matrix LED na dianteira), enquanto a nova plataforma SEA empurra as rodas para as extremidades da carroçaria, o que lhe permite registar uma distância entre eixos de 2750 mm (comprimento total de 4270 mm), com claro benefício na habitabilidade.

Ao primeiro contacto, sobressai a qualidade de construção, mesmo tratando-se de unidades de pré-produção, logo passíveis de

apresentar pequenas imperfeições. Neste caso, não notámos qualquer exemplo disso, tanto por fora, como por dentro, onde o ambiente é bastante jovial e cuidado.

Partindo por aqui, há uma subida muito evidente na qualidade dos materiais utilizados, sobretudo naqueles mais à vista na parte superior do tablier. Os espaços de arrumação também são mais vastos.

Ao primeiro contacto, sobressai a qualidade de construção, mesmo tratando-se de unidades de pré-produção.

A astúcia da raposa com ousadia

A posição de condução é elevada, como convém num SUV tendencialmente urbano, mas há boa amplitude de afinações para o banco e para o volante, valendo a pena notar que os espelhos retrovisores se ajustam a partir do grande ecrã tátil central de 12,8 polegadas em posição muito elevada (embora com atalho lançado no ecrã quando o condutor ajusta o seu banco eletricamente). Já o painel de instrumentos mede 9,2 polegadas, não sendo um suprimo da personalização, mas oferecendo todas as informações indispensáveis, sendo complementado pelo sistema *head-up display* de 10".

Mais interessante é a abordagem do sistema de infoentretenimento, que foi totalmente desenvolvido pela smart em parceria com a ECARX (especialista em integração de *software e hardware*), sendo o grande centro de controlo de praticamente todas as funções do #1.

Embora muitas funcionalidades não sejam propriamente inovadoras, o grafismo e a interação representam uma lufada de ar fresco no segmento, como é disso exemplo a escolha da raposa como um avatar gráfico para representar a assistente pessoal que nos ajuda após o comando vocal que permite, entre outras coisas, abrir ou fechar as janelas e ativar o ar condicionado. Todas as funcionalidades serão atualizadas ao longo dos anos por *viaremot*. Poderá não agradar a todos, mas tem a ousadia de tentar algo diferente.

Dos 272 CV aos 428 CV para espantar

De base, o #1 estreia sistema elétrico de última geração, com motor de 200 kW/272 CV que transmite a

potência às rodas traseiras, com 343 Nm de binário máximo. Acelera dos zero aos 100 km/h em 6,7 segundos e atinge uma velocidade máxima de 180 km/h, prestações que já remetem o #1 para um nível muito elevado de agilidade e de competências de condução.

No primeiro contacto na apresentação internacional, em Lisboa, este novo SUV demonstrou um equilíbrio excelente tanto em mau piso, como em estradas mais sinuosas, sendo até divertido no sentido em que a entrega imediata da potência e a boa afinação do *chassis* dão espaço para outras velocidades, sobretudo quando ativado o modo de condução mais desportivo (*Sport*).

No polo oposto, o modo *Eco* torna as respostas mais tranquilas e foca-se na maximização da autonomia que, graças à bateria de 66 kWh, consegue percorrer entre os 420 e os 440 km com uma única carga em ciclo misto WLTP.

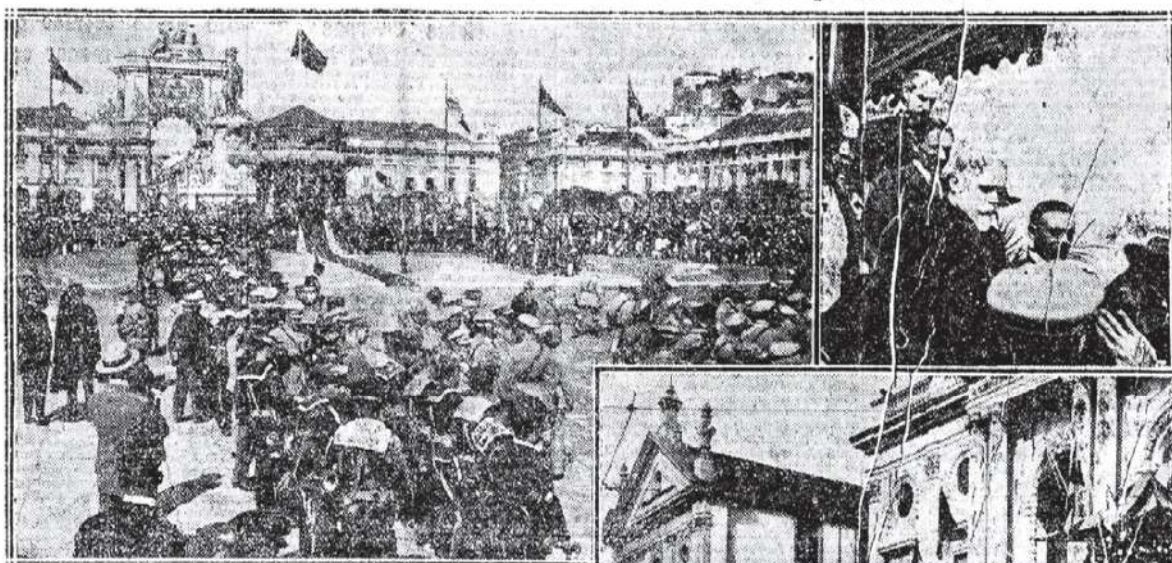
Mais surpreendente é o #1 Brabus, versão mais desportiva com 315 kW/428 CV de potência e 543 Nm de binário graças à adição de um segundo motor elétrico no eixo dianteiro, o que lhe permite dispor de tração às quatro rodas. Na prática, oferece prestações que, até há alguns tempos, eram exclusivas de superdesportivos, nomeadamente no que diz respeito à aceleração, demorando apenas 3,9 segundos a acelerar dos zero aos 100 km/h.

O novo #1 estará disponível em três linhas de equipamento, com diverso equipamento de série relevante logo no Pro+, com preço base de 40 950€. A linha Premium terá um preço de partida nos 44 450€, ao passo que o Brabus terá um preço de 48 450€.

p.junceiro@globamediagroup.pt

OS EFEITOS E A CONSAGRAÇÃO DA VIAGEM PRESIDENCIAL

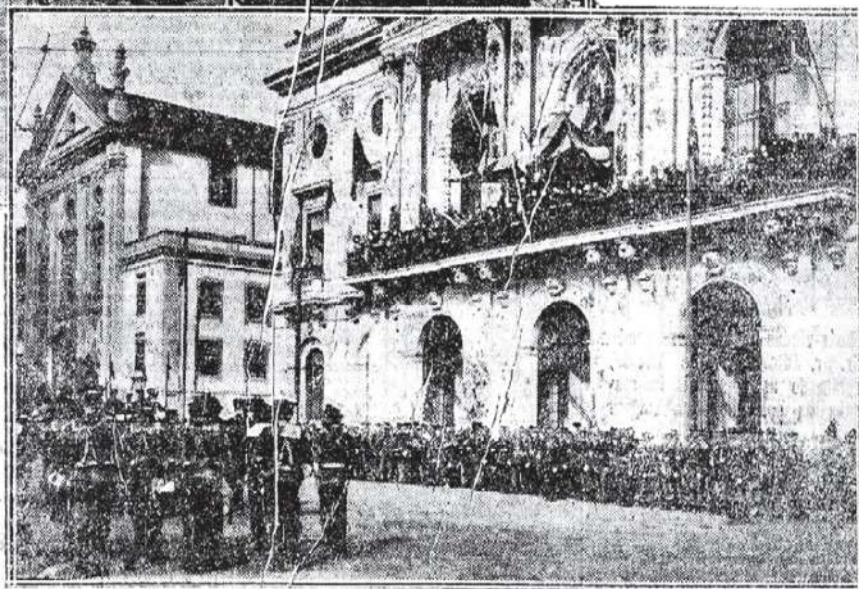
EM LISBOA: O sr. dr. Antonio José de Almeida, foi ontem recebido por muitos milhares de pessoas que, com entusiasmo, o aclamaram e cobriram de flores e por centenas de representantes dos mais importantes organismos nacionais que significativamente consagraram a sua obra de estadista e de patriota



respecto ao zerreiro do Pop.
no momento do desembarque.

O Chefe do Estado, o Presidente do Ministério, o ministro dos Estrangeiros e o comandante da Guarda Republicana descedo do paço.

O Chefe do Estado assistindo da varanda dos Paços do Concelho ao desfile das tropas.



SR. DR. AUGUSTO DE CRISTO
io da sua posse como director deste jornal e afir-
riedade que a todos une nesta casa

Os seus
residem somente
clima, na grandiosidade das suas paisa-
mentos e no pitoresco das suas palpi-
mentos. Ha, sobre tudo isto a beleza palpi-
tante e viva da mulher, que em Portu-
gal, mais talvez que em qualquer outro
paiz, constitui um interessante motivo
de estudo, pela diversidade de tipos ca-
racterísticos de cada região.
portuguesa, sob este aspe-
to, Sa-

Portugal goleou, mas foi relegado para novo play-off

A seleção nacional feminina venceu ontem a Islândia (4-1) no play-off de acesso ao Mundial 2023, mas ainda não foi desta que garantiu um lugar no Campeonato do Mundo. A Suíça e a Rep. Irlanda também venceram e relegaram Portugal para um play-off intercontinental - 18 e 23 de fevereiro, do próximo ano. Ontem, Carole Costa, aos 54 minutos, de penálti, Diana Silva, aos 90'+2, Tatiana Pinto (à esquerda na foto, com Fátima Pinto), aos 108', e Kika Nazareth, aos 120'+1, marcaram os golos portugueses, enquanto Glódis Viggósdóttir faturou, aos 59'.



ESTELA SILVA / LUSA

BREVES

Adesão da Finlândia e Suécia à NATO ratificada

O governo português concluiu ontem o processo de ratificação das propostas de adesão da Finlândia e da Suécia à NATO, numa cerimónia em Washington, com a presença do embaixador de Portugal nos EUA. A conclusão do processo aconteceu através do depósito dos instrumentos de ratificação dos Protocolos ao Tratado do Atlântico Norte por parte do embaixador português Francisco Duarte Lopes, divulgou o Ministério dos Negócios Estrangeiros, num breve comunicado. "Este processo, de grande significado histórico, sublinha o compromisso de Portugal com a segurança do espaço euro-atlântico", disse a diplomacia portuguesa na nota. "A adesão destes dois países à NATO contribuirá para o reforço da Aliança e da cooperação e solidariedade nos domínios da segurança e defesa no espaço euro-atlântico, pilar essencial da política externa e de defesa nacionais", concluiu o ministério. Na cimeira da NATO que decorreu em Madrid em finais de junho, os líderes dos atuais 30 estados-membros concordaram em convidar os dois países nórdicos a juntar-se à Aliança e após a Turquia ter prescindido do seu veto inicial.

Marcelo justifica-se após polémica. "Quis valorizar imenso os que denunciaram casos" de abuso

IGREJA Presidente esclareceu à noite teor das afirmações que proferiu durante a tarde de ontem e recusou dramatizar as críticas que lhe foram feitas. "A democracia é isso. Só sente incómodo quem é ditador ou quer uma ditadura", disse.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Horas depois de afirmar que, na sua perspetiva, as 424 denúncias que a Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais contra as Crianças na Igreja Católica Portuguesa podem "não ser um número particularmente elevado", o Presidente da República justificou-se por duas vezes em pouco tempo, ao início da noite de ontem. A primeira, numa curta nota publicada no site da Presidência; a segunda, em declarações à RTP.

Na nota, Marcelo escreveu que, à semelhança de outros países, o número de casos em Portugal poderá ser "muito superior". Na TV, as declarações foram mais incisivas,

com o Presidente a afirmar que o objetivo não foi desvalorizar as denúncias, pelo contrário.

"Estes 424 casos valorizam imenso precisamente aqueles que tiveram a coragem de ir e denunciar. Acho curto. A minha convicção é a de que haverá muitos mais", afirmou Marcelo Rebelo de Sousa. Algo que é, também, a convicção da Comissão Independente (*ler mais na pág. 13*).

"Mesmo comparado com países que não são católicos e que não têm o peso da Igreja Católica, e que chegaram a milhares de casos... pois aqui chegar-se a 400... Acho que há mais", delcarou o Presidente, lembrando que pode ter havi-

do casos a acontecer durante o Estado Novo: "Temos aqui o problema de uns serem em ditadura, e noutros as pessoas terem medo, receio, coíbi-rem-se".

Pelo que, prosseguiu, ao dizer "não ser elevado" o número de 400 casos "não é uma desvalorização". "É achar que, infelizmente, as minhas expectativas eram muito superiores. Parece-me curto para aquilo que penso que foi o fenómeno em Portugal e no mundo", disse.

Conhecido pela sua fé católica - que nunca escondeu -, Marcelo Rebelo de Sousa recusou que tal se torne a condicionar a sua visão acerca destes casos, ainda que esta seja já a terceira vez que tem de se escla-

AR irá rever lei das incompatibilidades

O Presidente da República anunciou ontem que vai pedir ao Parlamento para reapreciar a lei sobre incompatibilidades e impedimentos de titulares de cargos políticos procurando definir "um regime que pacifique as angústias da sociedade portuguesa". Marcelo explicou que irá fazer isso "dentro de poucos dias" pedindo que a lei em vigor, de 2019, seja reapreciada.

recer sobre as afirmações acerca do tema. "Acha que a fé influencia o mandato quando o Presidente pega numa denúncia do mais importante bispo e assina para que o chefe da Casa Civil imediatamente transmita ao Ministério Público? Não haverá, até certamente países menos católicos, casos em que isso aconteça."

E em relação às críticas feitas pelos partidos, o Presidente prefere desvalorizar: "Não sinto incómodo. A democracia é isso. Só sente incómodo quem é ditador ou quer uma ditadura. Democracia é aceitar as críticas, e tem de se conviver assim. Fui eleito para isso e cumprirei o mandato assim".